

REVISTA PUCRS

Nº 180 • Julho/Agosto 2016

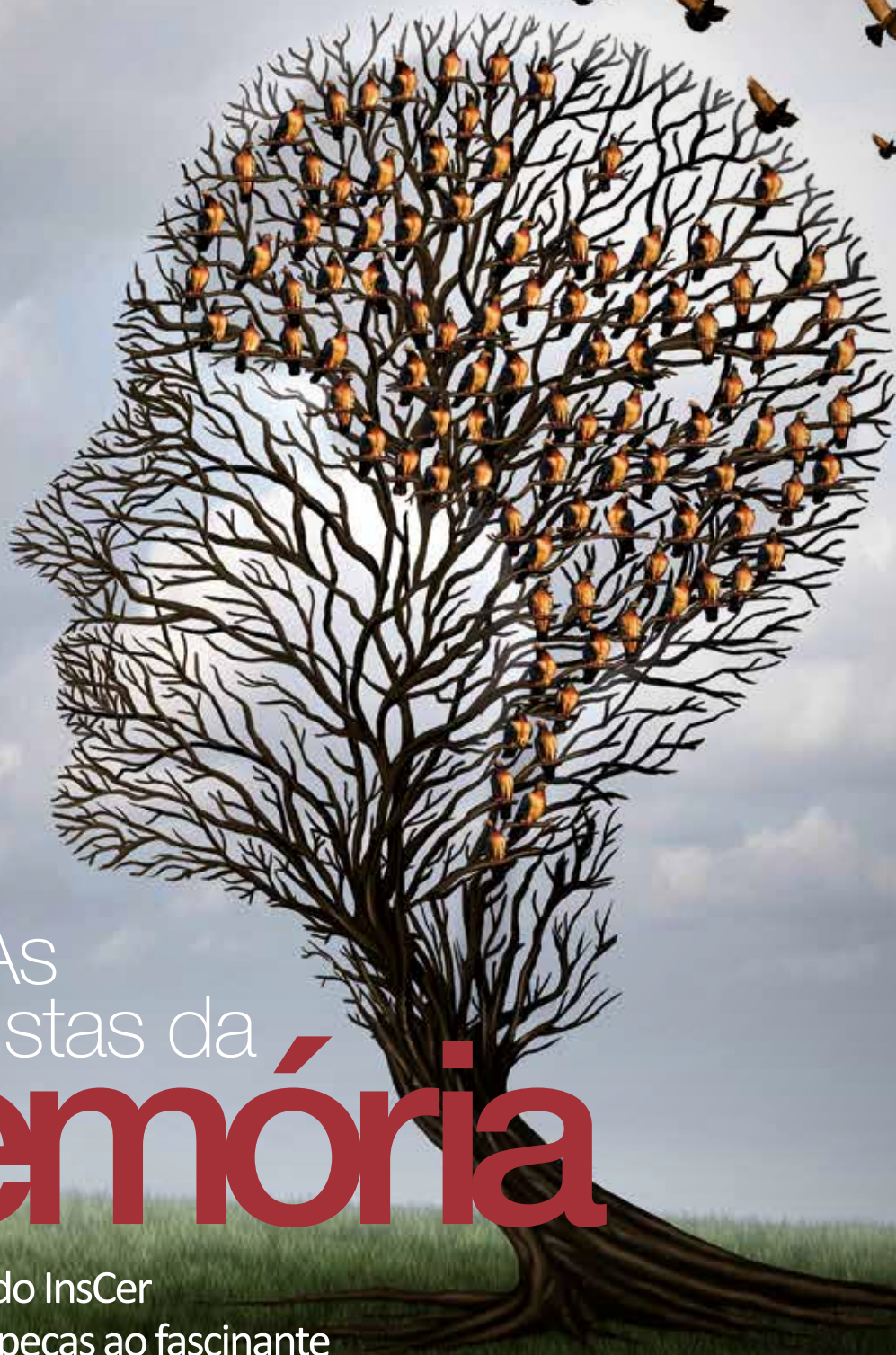
Os 50
anos da
Famecos

CriaLab, um
laboratório para
ser criativo

A trajetória
do juiz Sidinei
José Brzuska

As conquistas da **memória**

Descobertas do InsCer
acrescentam peças ao fascinante
quebra-cabeças do cérebro





REITOR
Joaquim Clotet

VICE-REITOR
Evilázio Teixeira

PRÓ-REITORA ACADÊMICA
Márga Rodrigues da Cunha

PRÓ-REITOR DE
ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS
Milton Sperry Winckler Júnior

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO
E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS
Sérgio Luiz Lessa de Gusmão

PRÓ-REITOR DE PESQUISA,
INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
Jorge Luis Nicolas Audy

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO
E MARKETING
Stefânia Ordovás de Almeida

COORDENADORA DE
COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
Ana Maria Walker Roig

COORDENADOR DE MARKETING
Vinícius Brasil

EDITORA EXECUTIVA
Magda Achutti

REPÓRTERES
Ana Paula Acauan
Vanessa Mello

FOTÓGRAFOS
Bruno Todeschini
Camila Cunha

REVISÃO
Lucas Tcacenco

ESTAGIÁRIA
Júlia Bernardi

TRADUÇÃO PARA O INGLÊS
Lucas Tcacenco

ARQUIVO FOTOGRÁFICO
Camila Paes Keppler
Márcia Sartori

CIRCULAÇÃO
Ligiane Dias Pinto

PUBLICAÇÃO ON-LINE
Júlia Bernardi
Rodrigo Marassá Ojeda
Vanessa Mello

CONSELHO EDITORIAL
Cláudia Brescancini
Gabriela Ferreira
Marion Creutzberg
Odilon Duarte
Paulo Regal
Sônia Gomes

IMPRESSÃO
Epecê-Gráfica

PROJETO GRÁFICO
PenseDesign

Revista PUCRS – Nº 180
Ano XXXIX – Jul/Ago 2016

Editada pela Assessoria de
Comunicação e Marketing da
Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Avenida Ipiranga, 6681
Prédio 1 – 2º andar
Sala 202
CEP 90619-900
Porto Alegre – RS
Fone: (51) 3320-3503
revista@pucrs.br

www.pucrs.br/revista

A PUCRS é uma Instituição
filial à ABRUC



nesta edição

FOTOS: BRUNO TODESCHINI



[in english]

Conteúdo em inglês

6

Capa Os mistérios da memória

De destaque
mundial, estudos do
Centro de Memória
tentam desvendar
o funcionamento
do cérebro

[in english]

Conteúdo em inglês



12

Pesquisa Composto contra fibromialgia Óleo de arroz potencializa efeito do resveratrol

[in english]

Conteúdo em inglês

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



14

Novidades Acadêmicas Para turbinar o currículo Alunos de mobilidade *in e out* têm oportunidade de realizar estágio no país de destino

REVISTA PUCRS ON-LINE

REPORTAGENS EXCLUSIVAS NA
WEB, EM WWW.PUCRS.BR/REVISTA,
E NO APLICATIVO



CONHEÇA
O APP
PARA IOS E
ANDROID

Novos caminhos da comunicação

O Ubilab – Laboratório de Pesquisa em Mobilidade e Convergência Midiática desenvolve pesquisas pioneiras em parceria com empresas como Paim e Globo. O Paim Lab, unidade da Paim Comunicação que desde novembro está no Tecnopuc (foto), é um espaço de decompressão para contrabalançar o dia a dia de uma agência de propaganda e um local para incubar projetos novos e diferentes, que não sigam necessariamente o fluxo normal. Com a Globo.com, o Ubilab desenvolve uma pesquisa para entender como as pessoas usam celulares no cotidiano.



FOTO: DIVULGAÇÃO

DESTAQUES



26

Inovação **Laboratório** **para ser criativo**

CriaLab utiliza criatividade para melhorar produtos e serviços



FOTO: ARQUIVO PUCRS



30

Entrevista **Os desafios da** **universidade católica**

Reitor da PUC-Chile, Ignacio Sánchez, fala sobre o trabalho que faz a instituição destacar-se no continente

42

Memória **O começo de tudo**

Os 50 anos da Faculdade de Comunicação Social

Redes de cooperação **científica**

PUCRS tem dois novos Institutos Nacionais de Tecnologia aprovados e um renovado. O CNPq divulgou as 252 propostas aprovadas de 345 submetidas para criação e renovação dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT). A PUCRS foi contemplada com três projetos. Os Institutos ocupam posição estratégica no Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação e visam à formação de novas redes de cooperação científica interinstitucional de caráter nacional e internacional. Todas as propostas foram avaliadas, por, no mínimo, três consultores internacionais e, posteriormente, pelo comitê julgador.

Empreendedorismo feminino

Cerca de 7,3 milhões de brasileiras estão à frente de seus negócios. Segundo pesquisa organizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), o número de mulheres empreendedoras cresceu 18% nos últimos dez anos. O evento *Empreendedorismo feminino – desafios e conexões de um novo tempo*, realizado pela Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia, reuniu 150 mulheres para discutir questões relacionadas ao universo empreendedor.



FOTO: CAMILA DILÉLIO

OUTRAS SEÇÕES

Com o leitor [4]

Pelo Campus [5]

Hospital São Lucas lança Centro de Oncologia

Panorama [18]

25 anos de Educação Tutorial

Saúde [20]

Dieta e aplicativo

Sociedade [22]

O mapa da imigração haitiana no RS

[in english]
Conteúdo em inglês

Sociedade [24]

Vozes pela paz

Tecnologia [28]

Avanço em pesquisa espacial

Alunos da PUCRS [32]

Embarque para empreender

Minha Carreira [34]

Fazendo acontecer

Social [36]

Em defesa dos direitos

Eu estudei na PUCRS [38]

Sidinei José Brzuska:

“Gente não é código de barra”

Lançamentos da Edipucrs [40]

Ensino [41]

Três em um

Radar [46]

Perfil [48]

Nelson Todt, trajetória olímpica

Gestão [50]

Sustentabilidade nas empresas

Opinião [51]

A lei do vinho e da leitura, por Charles Kiefer



com o leitor

Estamos ficando mais burros?

Quando, em 2010, o escritor norte-americano Nicholas Carr, um jornalista diplomado em Harvard, publicou *A Geração Superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*, livro finalista do prestigiado Prêmio Pulitzer, *smartphones* e *tablets* engatinhavam. Ainda assim, de forma embasada, ele constatou: “Estamos ficando mais burros, e a culpa é da internet”. Na sua análise, o acesso quase ilimitado a informações traz como consequência a perda da capacidade de focar em apenas um assunto. “A mente do internauta está caótica, poluída, impaciente e sem rumo”, disse o autor que defende a importância da calma e do foco, faculdades esquecidas neste mundo turbulento. Como nesta edição a reportagem de capa é sobre cérebro e memória e o artigo de Charles Kiefer aborda as mudanças nos hábitos de leitura, resolvi compartilhar algumas reflexões de Carr que nos instigam a pensar. A nova geração tem mais acesso à informação do que qualquer outra antes dela, mas isso não se reflete num ganho cultural. Não só os jovens, mas todos, estamos mais adaptados a lidar com múltiplas funções simultâneas. Porém, segundo Carr, estamos perdendo a capacidade de nos concentrar, ler atentamente ou pensar com profundidade. O uso intenso da tecnologia encoraja um pensamento mais disperso. E há certos aspectos da mente humana a que só temos acesso quando prestamos atenção. Há provas de que a atenção é crucial para a formação da memória e para o pensamento crítico e conceitual. Com as redes sociais, o conteúdo disponível na internet passou a ser consumido de forma frenética e personalizada. Outro aspecto que Nicholas Carr vê com preocupação: “Certamente há o risco de sermos expostos apenas ao que nos é familiar e, assim, reforçar as nossas próprias idiosincrasias. Nós nos tornaríamos mais limitados, em vez de mais amplos em nossas perspectivas”. Para refletir. A todos, boa leitura!

Magda Achutti
Editora Executiva

A Revista PUCRS de maio/junho está fantástica! A reportagem sobre a internacionalização na PUCRS ficou excelente mostrando a pluralidade do tema. Tudo bonito e atual. Também gostei muito do vídeo da equipe apresentando a edição. Parabéns!

Rosemary Shinkai

Assessora-Chefe da Assessoria para Assuntos Internacionais e Interinstitucionais

Gostaria de parabenizar pela excelente reportagem sobre os nematódeos (Vida extrema) na edição nº 179. A matéria ficou muito boa e com ótimo destaque. As informações da professora Alessandra Morassutti e demais entrevistados foram bem traduzidas para uma linguagem de revista.

João Marcelo Ketzner

Diretor do Instituto do Petróleo e dos Recursos Naturais

Excelente a repercussão da reportagem da edição de maio/junho. Uma referência no cuidado dos animais entre os participantes do 14º Congresso da Sociedade Brasileira de Ciências em Animais de Laboratório. Todos com quem conversei foram unânimes em elogiar a Revista PUCRS e destacar dois aspectos importantes: a preocupação da Universidade com o bem-estar e a qualidade das instalações para os animais e o esforço real na substituição por outros modelos experimentais, não usando animais em atividades didáticas. Mais uma vez, parabéns a toda equipe pela qualidade das matérias.

Emilio Jeckel Neto

Diretor do Centro de Modelos Biológicos Experimentais



Fale com a Redação

- Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 2º andar – Sala 202 – CEP 90619-900 – Porto Alegre/RS
- E-mail: revista@pucrs.br
- Fone: (51) 3320-3503
- facebook.com/mundopucrs

A reportagem Cultura por todos os lados publicada na última edição ficou ótima! O título expressa exatamente o que buscamos. O apoio da Revista PUCRS, da Ascom e aí incluindo o Setor de Marketing, tem sido decisivo para nós. Reportagens assim são um grande estímulo para toda a equipe do Instituto de Cultura.

Flávio Kiefer

Diretor do Instituto de Cultura

Gostaria de fazer uma assinatura da Revista PUCRS impressa. Aproveito para elogiar a edição de maio/junho. As matérias estão ótimas e destaque, em especial, Avanço para entender o cérebro. Parabéns!

Jaqueline Krunitzki Moisés

Porto Alegre/RS

É possível solicitar a assinatura da Revista PUCRS?

Taiana Cláudia Nunes Carvalho

Fortaleza/ Ceará

Você quer receber a Revista PUCRS?

Visando novas formas de distribuição, a Revista PUCRS realizou um cadastramento para os leitores que desejam continuar recebendo as edições impressas. Se você não respondeu ao cadastramento ou gostaria de recebê-la em casa, entre em contato pelo e-mail revista@pucrs.br, ou ligue para (51) 3320-3503 e solicite sua assinatura gratuita. Todo o conteúdo também está disponível no aplicativo Revista PUCRS, disponível para iOS e Android e no site www.pucrs.br/revista.

Hospital São Lucas lança Centro de Oncologia

[Por Jeniffer Caetano/Especial]

Inauguração de novo espaço ocorre em julho

O **câncer** é a segunda causa de morte no Brasil, com prevalência crescente nos últimos anos. Segundo a Organização Mundial da Saúde, espera-se aumento de 70% no número de casos nas próximas duas décadas. Diante dessa perspectiva, o Hospital São Lucas da PUCRS (HSL) inaugura, em julho, o Centro de Oncologia Clínica. A iniciativa completa o sistema integrado de tratamento do câncer na Instituição, composto ainda por métodos diagnósticos por imagem, como ressonância magnética e tomografia computadorizada, assim como o PET-CT, realizado pelo Instituto do Cérebro, componente de distinção nesta linha de cuidado; Serviço de Radioterapia; Centro de Pesquisa Clínica e Instituto de Pesquisas Biomédicas, além da assistência ambulatorial aos pacientes.

O Centro de Oncologia abrigará a nova Unidade de Quimioterapia da

Instituição, onde são dispensados todos os tratamentos oncológicos, que abrangem quimioterápicos, drogas biológicas e de administração oral. O local contará com 14 poltronas e quatro leitos, para realização de quimioterapias de infusão prolongada. A nova estrutura viabilizará acréscimo de 20% nos atendimentos. Com 273 m², o novo ambiente trará mais conforto aos 800 pacientes recebidos mensalmente e seus acompanhantes.

“Tecnicamente temos um padrão muito bom, mas ambientalmente, agora, entraremos no padrão ouro”, ressalta o chefe do Serviço de Oncologia e da Quimioterapia do HSL, Sérgio Lago. Outro benefício para os usuários será a efetivação de uma escala de sobreaviso entre os oncologistas do hospital, para assistência veloz em casos de intercorrência no setor. [P]

Assistência completa

O Centro de Oncologia é mais uma etapa do processo de qualificação dos serviços nessa área no HSL. Além do ambulatório da especialidade, que atende, em média, a 1.300 pacientes por mês, a Instituição possui completa e atualizada tecnologia, tanto na área diagnóstica como na de tratamento do câncer. Exemplo disso é a Radioterapia, que, nos últimos anos, passou por reformas no espaço físico e somou dois novos equipamentos de última geração, os aceleradores lineares Clinac iX e Trilogy.

Entre outras funcionalidades, ambos permitem a execução de radiocirurgia, Radioterapia com Intensidade Modulada (IMRT), que regula a intensidade da radiação, protegendo órgãos ou estruturas próximas ao tumor que não toleram doses elevadas de irradiação; e Radioterapia Guiada por Imagem (IGRT), que trata e realiza tomografia computadorizada em tempo real, com imagens tridimensionais de alta definição e precisão milimétrica.

Na área da pesquisa clínica em oncologia, o Hospital também se destaca. Seu Centro de Pesquisa Clínica é líder nacional no setor e, no momento, realiza mais de 200 ensaios clínicos, predominando, dentre eles, as testagens de novas drogas oncológicas em parceria com a indústria farmacêutica. O Centro conta com estrutura de 750 metros quadrados e integra a Rede Nacional de Pesquisa Clínica.

Segundo Lago, a modalidade dos ensaios clínicos foi responsável por uma revolução nos últimos anos, trazendo uma mudança substancial no tratamento da doença e melhorando o bem-estar dos pacientes. “Para os participantes, a pesquisa é ótima. Durante a realização dela, esses produtos extremamente caros, exclusivos e de ponta são disponibilizados gratuitamente. Um benefício incrível”, destaca.

Novo ambiente: mais conforto aos pacientes e seus acompanhantes



HSL é líder nacional em pesquisa clínica sobre o câncer



[extra]

Assista, em vídeo, entrevista com Ivan Izquierdo falando sobre o que faz bem para a memória e como fica o cérebro com a avalanche de informações. Confira ainda reportagem sobre atendimento psicológico para pessoas que passaram por situação traumática em www.pucrs.br/revista ou baixe o aplicativo Revista PUCRS, disponível para iOS e Android.

[Por Ana Paula Acauan]

De destaque mundial, estudos do Centro de Memória tentam desvendar funcionamento do cérebro

Os mistérios da memória

A complexidade do cérebro é fascinante! Que o digam os pesquisadores do Centro de Memória do Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul (InsCer). Cientista brasileiro mais citado, o professor Ivan Izquierdo pesquisa o tema há exatos 50 anos e os mistérios persistem. Muitas questões ajudou a decifrar. Demonstrou em animais os principais mecanismos moleculares de formação, evocação, manutenção e extinção das memórias e a separação funcional entre as de curta e longa duração. Seu artigo científico de maior repercussão, ultrapassando 800 menções, é de 1997 e trata de modificações no hipocampo e outras estruturas cerebrais.

Neste ano, mostrou que a histamina é imprescindível para evocação de memórias aversivas. Em experimentos com ratos, quando se inibiu a produção desse neurotransmissor, houve prejuízo das funções. Também de autoria das professoras Cristiane Furini e Jociane Myskiw, em colaboração com pesquisadores da Itália, o texto foi publicado na revista da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos.

A cada descoberta, é acrescentada uma peça no quebra-cabeças. “O professor Izquierdo estuda o papel da histamina há décadas e ainda temos mais perguntas do que respostas. Muita gente no mundo inteiro, com diferentes técnicas, está trabalhando no tema, e nos damos conta do quanto é complexo”, aponta Jociane.

No livro *Tempo e tolerância*, o mestre resume os desafios. “Assim nos encontramos os pesquisadores da memória: com a química dos tijolos na mão, com os detalhes

Nosso cérebro é fantástico. Ele se adapta. Forma novos neurônios, que se integram às redes que já existem. Como tenta compensar suas falhas, a gente tem dificuldades de encontrar onde está o erro
Jociane Myskiw

da arquitetura na mesa e com aquilo que sentimos ao entrar em Westminster ou Toledo, em Versalhes ou em Schönbrunn, ou nas cavernas de Malorca ou Minas Gerais – admiração profunda por algo que ultrapassa nossa compreensão real”, afirma.

– Sempre nos perguntam para que serve um estudo do Centro de Memória. Indicamos possíveis alvos para quem sabe daqui a alguns anos essa pequena peça contribuir para a cura de uma doença. Ninguém havia pensado em resolver um problema cardiovascular até que se descobriu como funciona o organismo, como o vaso se dilata. Tudo parte da curiosidade básica – destaca Jociane, recém-eleita, aos 36 anos, membro afiliada da Academia Brasileira de Ciências – Regional Sul, pelo período de 2016 a 2020.

“Essa modalidade dá a oportunidade de jovens terem contato com pesquisadores renomados e uma noção do impacto da ciência no Brasil”, afirma ela. Izquierdo é integrante efetivo desde 1977.

Num momento de parcos recursos, os projetos do Centro de Memória não param. São três pesquisadores, Izquierdo, Jociane e Cristiane, orientando seis alunos de iniciação científica (a maioria de Medicina), dois mestrandos e quatro doutorandos. “O País passa por dificuldades e isso se reflete em todas as áreas da ciência e da educação”, aponta Cristiane.

Situações em que a criatividade aflora. “A gente encontra alternativas. Os alunos precisam terminar teses e dissertações para não perderem o que fizeram até então”, diz

Jociane. Por exemplo, para reduzir o número de animais nos experimentos, foi desenvolvido, em parceria com a Faculdade de Informática, um sistema de captura de imagens. “Filmando, é possível verificar vários aspectos de um mesmo rato, evitando novos testes.” Via edital Praias, da Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Desenvolvimento, foi liderado pelo professor Márcio Pinho.

As parcerias viabilizam muitas das investigações. Izquierdo tem trabalhos publicados com pesquisadores de 27 países, até do Japão. Uma das atuais fontes de financiamento é a participação no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Neurociência Translacional, formado por nove grupos no País e liderado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (Procad), da Capes, o Centro coordena uma pesquisa com a Unipampa, em Uruguaiana, e o Unicentro, em Guarapuava (Paraná). Outros recursos vêm do CNPq, Fapergs e Programa Ciência sem Fronteiras.



Contatos pela madrugada

Uma característica comum entre os pesquisadores é a dedicação ao trabalho. Cada um escreve uma parte dos artigos científicos e, quando acaba, passa para o colega complementar. Não raro, são 3h da madrugada e a resposta à mensagem vem em seguida. Feriado e fim de semana dão “um vazio”. Os alunos precisam de uma orientação. Uma leitura ficou para trás. Sempre há motivo para não deixar de lado os projetos.

Na recente ida à Itália, Jociane e Cristiane se envolveram na apresentação de trabalhos por três dias. Na hora da folga, passaram um tempão olhando mapas e decidindo o que visitar. Mesmo com muitos lugares para conhecer! “Quando me perguntam o que faz bem para memória, digo ‘ter

*Honrosa parceria:
Cristiane Furini (E),
Ivan Izquierdo e
Jociane Myskiw*

“Os afetos são a base da vida”

Rodeado por quadros que retratam a Buenos Aires de sua infância, um desenho de criança e fotos dos netos e da mulher, o neurocientista Ivan Izquierdo diz que o principal da vida são os afetos, mas nem todos se deram conta, desperdiçando tempo com o que não é essencial. Aos 78 anos, lidera o Centro de Memória e não esmorece num tempo difícil para a pesquisa brasileira. À *Revista PUCRS*, afirma que o subconsciente não existe e “os psicanalistas estão em extinção”. Para ele, muitos dos postulados teóricos de Freud que não tinham base fisiológica foram superados.

O senhor completa 50 anos de estudo da biologia da memória em 2016 e 60 como pesquisador. O que mais o orgulha nessa trajetória?

A palavra orgulho é meio que banida do meu repertório. Uso mais satisfação. Várias coisas. Uma do ponto de vista da pesquisa em si foi ter descoberto os principais mecanismos bioquímicos que se utilizam para se fazer uma memória em várias estruturas cerebrais. Destaco ainda a separação entre memória de curta e de longa duração. Demonstramos que são dois processos separados, paralelos e não consecutivos. Forma-se uma memória de curta duração e, ao mesmo tempo, vai se estabelecendo a de longa duração. As duas convivem e após seis horas só tem a segunda. Isso foi importante porque serve para orientar sobre a estrutura e o tratamento de alguns quadros, por exemplo, nos quais a memória de curta duração está ausente. O delírio, que acompanha muitas doenças nervosas, é um típico, e também lesões de certas regiões do córtex parietal. Na de longa du-

ração, um exemplo é o Alzheimer. Como a gente sempre gosta da pesquisa mais novinha, este ano, demonstramos, com a Jociane e a Cristiane, em colaboração com o grupo da Itália, que existe uma espécie de chave mediada pela histamina no cérebro que determina se o indivíduo vai evocar uma memória ou não. O rato, pelo menos, mas seguramente no humano também porque as estruturas são quase idênticas. A histamina se libera de um núcleo no cérebro e daí enerva várias estruturas que têm a ver com memória.

O que o senhor gostaria ainda de realizar?

Tanta coisa. Gostaria de realizar tudo o que falta, mas como não sei o que falta... O tempo não vai dar.

O senhor está desde 2004 na PUCRS. O que destaca desse período?

A qualidade dos pesquisadores. Atualmente, minhas duas professoras são extraordinárias. Tão boas quanto o melhor que pudesse ter tido ao longo desses 60 anos. Os alunos são de primeira linha.

A situação da pesquisa no Brasil está difícil.

Depois de um surto de hiperfinanciamento, com o Programa Ciência sem Fronteiras, que foi um exagero, mas ser-

viu para muita coisa e passou a não ter mais importância, estamos voltando a conseguir fomento, mesmo pouco. Parece mentira, mas este é o pior momento em termos de quantidade de reais.

Na sua carreira?

No Brasil. Na Argentina, tive outros momentos ruins. O início do governo Collor e o final do governo Dilma são parecidos no descaso total com a ciência. De repente, passou a ser um cartaz que o governo apresentava. Não existe mais.

Nos últimos dias, anunciaram que reabririam o instituto virtual que temos com São Paulo e o Rio de Janeiro, que virou essencial para nosso sustento.

No livro Tempo de viver, o senhor trata o amor como o maior valor de nossas vidas. Como o senhor se organiza para dar lugar aos afetos?

Deixo que os afetos tomem conta. Se eles pintam, é porque querem vir. Os afetos são a base da minha vida e de todos; só que muitos não se dão conta.

O senhor diz ainda que os estudiosos da Biologia acabam se aproximando da espiritualidade. Como vivenciou isso?

Por aqueles que não acreditam em nada, não gostaria de falar. Sim, no meu caso, não há a menor dúvida. Tive um crescimento espiritual muito grande devido à minha dedicação à ciência.

férias, dormir bem, se tranquilizar’, mas a gente não consegue. Quanto estamos livres, sinto que está faltando alguma coisa”, confessa Jociane.

Fora as fontes científicas, as professoras procuram sempre ler algum livro de ficção. De preferência, em inglês, para treinar o idioma. Na lista dividida por ambas estão *Doctor Sleep*, de Stephen King, e *The red door*, de Charles Todd. Segundo Cristiane, a leitura requer do cérebro, em microssegundos, um *screening* de cada palavra que se conhece ao ver uma letra. “O livro também exige que imaginemos um contexto. Ao mudar de capítulo, devemos lembrar o personagem. E cada vez que voltamos a ler, temos de recordar da história.”

Mestrandas e doutorandas desenvolvem pesquisas no Centro de Memória

FOTOS: CAMILLA CUNHA



Freud está superado no que diz respeito à maioria dos seus postulados teóricos que não tinham base fisiológica

O senhor acredita em Deus?

Sim.

A memória nos faz como somos. Determina escolhas, cria o conceito de nós mesmos e dos outros. Como fazemos esse filtro?

O cérebro faz isso por conta própria. As razões, o mecanismo que utiliza, são diferentes para cada tipo de memória. Na memória de rostos, um filtro é a semelhança ou não com pessoas amadas da infância. Tendo a seguir, cultura, de certa forma, me interessar mais por rostos parecidos com os da minha mãe do que da vizinha, sem dúvida. Estive na Croácia, terra natal dela, há pouco tempo e procurei em todos os que via pela rua a cara da minha mãe. Não vou dizer que achei, mas tinha tanta gente parecida!

Nem sempre é consciente?

Já não se chama mais de subconsciente. Os psicanalistas, que são uma raça em extinção, ainda falam, mas nós, os neurocientistas, nos referimos a memórias implícitas, que não se expressam. A gente só vai lembrar quando ver algo que possa remeter por repetir a palavra ou que costuma ter estímulos semelhantes. Minha mãe era morena e, cada vez que vejo uma, me vem à lembrança. Minha neta é loira e a mesma coisa acontece.

Como as neurociências impactam nas psicoterapias?

De mil maneiras. Para cada memória, construída e depois armazenada em determinado grupo de sinapses, de uma maneira própria. Um exemplo, recentemente estudado por nós é, no caso da interação entre novidades e extinção de memória de medo, as sinapses que processam a primeira se comunicam através de proteínas específicas

nelas produzidas, nas mesmas células do hipocampo, com as sinapses que processam a extinção do medo. Cada interação entre memórias utilizará variantes desse processo e de outros. Há milhões de vias nervosas e neurônios envolvidos na formação de memórias, todos eles diferentes entre si.

Freud está superado?

Sim, no que diz respeito à maioria dos seus postulados teóricos que não tinham base fisiológica. Na época em que ele atuou, essas bases eram totalmente desconhecidas e impossíveis de explorar, pelo qual Freud se viu obrigado a postular mecanismos não fisiológicos para cada uma delas.

O senhor pretende deixar um livro de memórias?

Não. Minha memória ficará na cabeça dos demais. A memória não morre nunca. Faleceu há pouco minha irmã, três anos mais nova, e não esquecerei jamais dela, nem o marido nem o filho. A imagem dela ficará igual à que quando a vimos pela última vez. Não é eterna, mas tem muitíssima duração. Na Itália, fui no Fórum Romano. Tem 800 anos e agora vemos como ele seria completo, com suas colunas. A memória permite essa reconstrução dos países. São sinais através das ruínas ou informações que sobraram.

A memória reforça a baixa autoestima brasileira.

Se não nos lembrarmos das barbaridades, incorreremos no mesmo erro outra vez. O Brasil permitiu muita roubalheira, agora tem que corrigir.

Descoberta chave

Envolvida no comportamento alimentar, ciclo de sono, vigília e processos alérgicos, a histamina também é essencial na formação e modulação de memórias. Uma parceria com a Università Degli Studi Firenze, na Itália, via Programa Ciência sem Fronteiras, permitiu ao Centro de Memória ampliar o conhecimento sobre essa relação. Pela primeira vez, foi demonstrado que, sem esse sistema, fica prejudicada a evocação das memórias aversivas em ratos. Na extinção também participam os receptores do neurotransmissor. Três trabalhos foram apresentados no 45º Encontro Anual da Sociedade Europeia de Pesquisa em Histamina, em Florença (Itália), em maio.

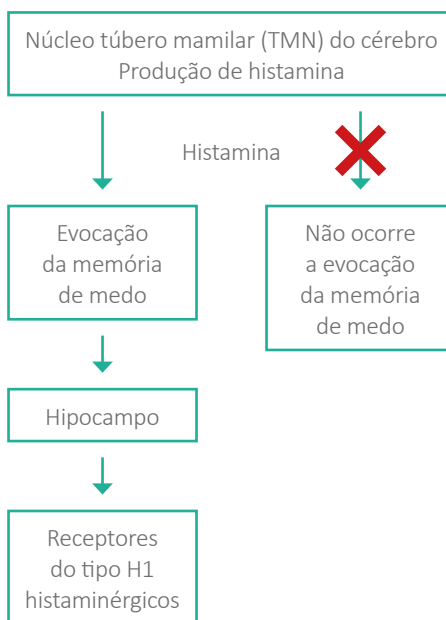
Há 30 anos, Ivan Izquierdo foi um dos primeiros cientistas a pensar na importância da histamina na sua área de estudo. Na época não havia ferramentas farmacológicas para avançar nas conclusões. “Imaginava-se que a histamina não tivesse participação tão importante no cérebro, mas, a partir da descoberta de receptores desse sistema, começou a se investigar qual seria o seu papel”, explica Cristiane Furini. Como a histamina não entra na célula, é preciso um alvo para “passar a mensagem adiante”, complementa Jociane Myskiw. Dependendo do receptor, a função será diferente.

“Esses resultados podem indicar possíveis alvos terapêuticos para tratar doenças relacionadas com as memórias de medo e aversivas, como fobias, ataque de pânico e estresse pós-traumático”, diz Cristiane.

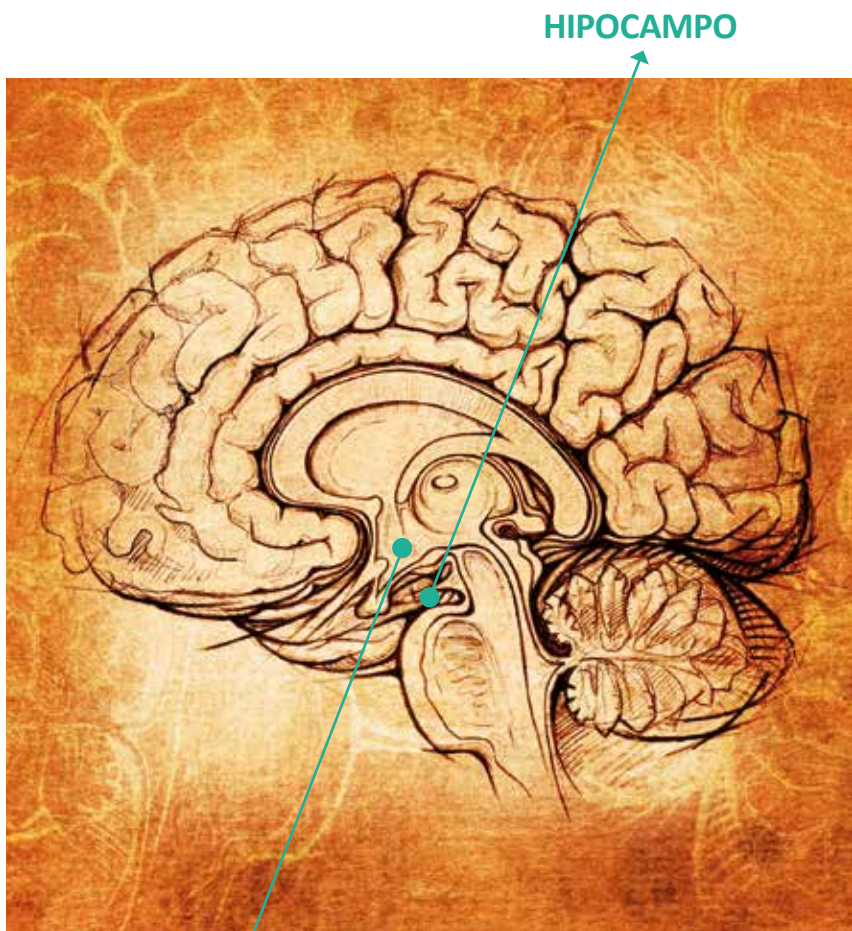
Na memória de esquia inibitória (a qual não é possível evitar), os pesquisadores demonstraram que o cérebro precisa de histamina até seis horas no hipocampo e duas horas na amígdala. No caso do reconhecimento de objetos, os três receptores participam de 30 a 120 minutos após o aprendizado. A tese de doutorado de Clarice Borges da Silveira teve esse enfoque.

Os pesquisadores italianos Patrizio Blandina e Maria Beatrice Passani ficaram responsáveis pela parte de imunologia e microscopia do estudo. Na PUCRS, foram feitos os testes de comportamento em ratos. Roberta Fabbri veio da Itália cursar parte do doutorado na PUCRS e retorna como bolsista de pós-doutorado, dentro do Ciência sem Fronteiras.

O papel da histamina



Ratos que tiveram a produção de histamina no cérebro interrompida não foram capazes de evocar a memória de medo aprendida. Ao se restabelecer os níveis do neurotransmissor no hipocampo, a memória foi então evocada. O estudo ainda demonstrou que esse efeito da histamina ocorre através da ativação dos receptores H1 histaminérgicos.



HIPOCAMPO

NÚCLEO TÚBERO MAMILAR (ONDE OCORRE A PRODUÇÃO DE HISTAMINA)

IMAGEM: SHUTTERSTOCK

Marca na carreira

A convite da *Physiological Reviews*, uma das revistas científicas mais importantes do mundo, a equipe do Centro de Memória reuniu um apanhado geral de tudo o que existe na formação e evocação da memória de medo, além de tarefas clássicas para se estudar os diferentes tipos. “Essa publicação pode ser considerada um marco nas nossas carreiras. Apenas pesquisadores renomados são convidados a submeter seus trabalhos”, aponta Jociane Myskiw.

Entre os projetos pioneiros do Centro, foram citados a participação do sistema histaminérgico na evocação e a exposição

à novidade para extinção de memória. Ao todo, os pesquisadores apontaram 791 referências na área nos últimos 60 anos.

A memória de medo é essencial para a sobrevivência. As lembranças podem se traduzir em cautela, prevenção e evitar acidentes ou perigos diversos. O problema é quando alguém pensa o tempo todo no assalto ou outro evento adverso, fica ansioso, tem taquicardia, sudorese e outros sintomas. Fobia social, estresse pós-traumático e ataque de pânico podem surgir.

Jociane explica que o objetivo da extinção, também chamada de terapia de exposição, é que se forme uma nova

memória, associando que nem sempre se repetirá o evento negativo quando a pessoa estiver naquele ambiente. “É importante lembrar que o local não é tão seguro, até para aprender a se cuidar melhor, trancar a porta, sem evocar o tempo todo”, resume.

A terapia expõe a pessoa, aos poucos, aos elementos, mas num ambiente seguro. “O objetivo é evitar o estresse emocional. Vem a memória e não esses sintomas.” O Centro de Memória estuda alvos moleculares para inibir essa resposta. Um exemplo é o H1, receptor de histamina, envolvido na evocação da memória.

Tratamento do trauma

Nas sessões para tratar o estresse pós-traumático, pode demorar meses ou anos para o paciente conseguir extinguir a memória, ou seja, inibir as lembranças relacionadas a um assalto, acidente ou outro evento que o abalou. Experimentos com animais feitos pelo Centro de Memória mostraram que a introdução de uma novidade pode agilizar esse processo. Os ratos são colocados numa caixa diferente, em que nunca estiveram. A memória de extinção se forma de maneira mais rápida.

Fatos importantes vêm acompanhados de grandes detalhes. Ninguém se lembra do que comeu semana passada, mas, se algo marcante acontece, é capaz de saber o horário, a roupa que estava vestindo e muito mais. Jociane explica que, como os neurônios têm milhares de sinapses, a memória de curta duração não se forma, porque não levou a modificações plásticas, ou seja, à síntese de proteínas. Em caso de eventos significativos, há mudanças estruturais

e tudo o que ocorre próximo a esses fatos fica marcado. “A exposição a uma novidade é uma estratégia que pode ser utilizada antes da terapia, para agilizar a extinção”, afirma a professora.

Testes com seres humanos feitos pela norte-americana Elizabeth Phelps confirmaram a hipótese. Outro estudo argentino com crianças mostrou que introduzir música nos intervalos da aula melhora a aprendizagem do conteúdo. [P]

[in english]

Conteúdo em inglês

The mysteries of memory

The complexity of the brain is fascinating! Researchers from the Memory Center of the Brain Institute of Rio Grande do Sul are well aware of that. Professor Ivan Izquierdo, one of the most prominent Brazilian scientists, has been doing research in the area for exact 50 years but the mysteries remain. He has helped

answer many questions. He has shown the main molecular mechanisms of formation, evocation, maintenance and extinction of memories and the functional separation between short and long-term memories through animals. This year, he found that histamine is essential for evocating adverse memories. These functions

were negatively affected when the production of this neurotransmitter was inhibited, as shown in experiments with rats. The paper was published jointly with Professors Cristiane Furini and Jociane Myskiw and Italian researchers in the journal of the National Academy of Science of the United States.



Composto contra fibromialgia

Óleo de arroz potencializa efeito do resveratrol

Óleo de arroz aumenta a biodisponibilidade do resveratrol que se perde rapidamente no organismo

A molécula extraída da uva preta, o resveratrol, de reconhecidas propriedades que previnem doenças do envelhecimento, tem seu efeito potencializa-

do pelo óleo de arroz. Pesquisa liderada pelo professor André Arigony Souto, da Faculdade de Química, mostrou diminuição da depressão e da dor em ratos tratados por três dias consecutivos com o composto. Esses modelos com fibromialgia não melhoraram quando foi usado apenas o óleo oriundo do farelo não purificado. Os sintomas dos animais que receberam somente o resveratrol diminuíram, mas não desapareceram por completo. O estudo foi publicado na revista científica *Pain Research and Treatment* e citado em artigo do site *Fibromyalgia News Today*.

Arigony explica que a molécula da uva e o óleo de arroz agem contra as espécies reativas de oxigênio, substâncias conhecidas como radicais livres. Elas

provocam dano nas células e ativam o processo inflamatório. “Substâncias que captam oxigênio, como o resveratrol, diminuem esse efeito e, por consequência, a dor, que é o organismo avisando que há inflamação”, esclarece.

O óleo de arroz atua aumentando a biodisponibilidade do resveratrol, que se perde rapidamente no organismo. Na pesquisa, quando usados 100 mg da molécula da uva por quilo, os efeitos foram pequenos. Ao se combinar com o óleo, o impacto foi dez vezes maior, usando-se apenas 10 mg de resveratrol.

O pesquisador agora busca parcerias para desenvolver um suplemento alimentar. Além dos inúmeros benefícios à saúde humana, poderia ter aplicação veterinária. O composto substituiria, por exemplo, hormônio do crescimento ou outros medicamentos dados a frangos ou suínos antes do abate. “Animais confinados acabam sofrendo de patologias diversas e diminuem a produção.” A troca por um produto com origem natural também protegeria o consumidor, pois a carne não viria contaminada.

Patente concedida nos EUA

Inovação, aplicação industrial e atividade inventiva. Esses três atributos fizeram com que fosse concedida nos EUA a patente de Arigony sobre o composto de resveratrol e óleo de arroz, o que pode aumentar o interesse. A pesquisa sobre o composto contra a fibromialgia foi feita em parceria com a professora Alessandra Hubner de Souza, da Ulbra. Para desenvolver os modelos com a doença, Arigony

contou com o Instituto de Toxicologia e Farmacologia da PUCRS, por intermédio da professora Maria Martha Campos.

O professor da Química acredita tanto nos benefícios do resveratrol que consome o composto há uma década. Tem uma obsessão enquanto cientista: pretende lançar um produto derivado da molécula da uva para que os resultados das investigações científicas cheguem à sociedade. **[P]**

A molécula da uva e o óleo de arroz agem contra os radicais livres, que provocam dano nas células e ativam o processo inflamatório. Substâncias que captam oxigênio, como o resveratrol, diminuem esse efeito e, por consequência, a dor, que é o organismo avisando que há inflamação

André Arigony Souto



FOTO: FREEMAGES

Entenda **melhor**

Fibromialgia

Uma síndrome de difícil diagnóstico e sem tratamento específico, a fibromialgia é muito frequente, principalmente, em mulheres. Caracteriza-se por dor crônica por todo o corpo. Os pacientes também relatam ansiedade, depressão, fadiga e distúrbios do sono.

Resveratrol

Molécula natural encontrada em sucos de uva, amora, amendoim e outras 70 espécies de planta, o resveratrol tem a sua produção estimulada por ataques de

fungos, estresse (irradiação, calor e toxinas) e radiação ultravioleta. A concentração nos sucos orgânicos é maior, pois, ao evitar defensivos agrícolas, a planta desenvolve mais a autodefesa.

Óleo de arroz

Extraído do farelo e do grão do arroz, tem baixas taxas de gordura saturada, a que mais prejudica a saúde. Também rico em antioxidantes, estimula o sistema imunológico. Tem sido cada vez mais estimulado o seu consumo.

[in english]

Conteúdo em inglês

Compound to treat fibromyalgia

Resveratrol, a molecule extracted from Vitis vinifera grapes, known for their preventive properties against aging diseases, has its effects maximized by rice oil. Research conducted by Professor André Arigony Souto, from the School of Chemistry, has shown a reduction in depression and pain in rats that had been given the compound for three consecutive days. The study was published in the journal Pain Research and Treatment and mentioned in an article from the website Fibromyalgia News Today.

Arigony explains that the grape's molecule and rice oil act against the reactive species of oxygen, substances known as free radicals. They damage cells and cause inflammations. Rice oil increases the bioavailability of resveratrol, which is quickly lost in our body. According to

the research, when 100 mg per kilo of the molecule are used, the effects were minimal. When combined with the oil, the impact was ten times as strong, as only 10 mg of resveratrol was used.

The researcher is now looking for partners to work on a dietary supplement. In addition to having multiple benefits to human health, it could also be used in animals. This compound would replace the growth hormone or other medication given to chicken or pigs before slaughtering, for instance.

The research into fibromyalgia was carried out jointly with Ulbra Professor Alessandra Hubner de Souza, and in collaboration with the Institute of Toxicology and Pharmacology of PUCRS.

[Por Vanessa Mello]

Alunos de mobilidade in e out têm oportunidade de realizar estágio no país de destino

Para turbinar o **CUMMÍ**

Ter uma experiência no exterior, acadêmica ou profissional, é um pré-requisito cada vez mais valorizado no mercado de trabalho. Alunos de graduação e de pós-graduação da PUCRS contam com a Coordenadoria de

Mobilidade Acadêmica para cursarem um ou mais semestres em universidades conveniadas em diversos países. Além disso, o setor sempre divulga bolsas de estudos e de estágios oferecidas por instituições e governos estrangeiros.

Um exemplo é o Programa Trainincoming, da Universidade de Parma, na Itália. Foram oferecidas 30 vagas para estudantes ou diplomados para estágio de dois a três meses. Dessas, 11 foram conquistadas por alunos da PUCRS. “Foi a primeira vez que recebemos a bolsa Erasmus para alunos de graduação da Instituição. Desde os anos 1980 o programa promove o intercâmbio de estudantes europeus, muitos deles vêm para cá”, celebra Flávia Thiesen, coordenadora da Mobilidade. Foram selecionados alunos e diplomados dos cursos de Administração—Comércio Internacional, Arquitetura e Urbanismo, Direito, Economia, Engenharia Civil, Engenharia Mecânica e Farmácia.

Os estágios foram realizados na própria Universidade de Parma, em laboratórios, setores administrativos, museus, bibliotecas e incubadoras ou em empresas que possuem acordo formal com a instituição. Além da bolsa de € 1.330 a € 2.000, os alunos fizeram aulas do idioma e de cultura italiana, utilizaram de forma gratuita transporte público e assistência médica, além de orientação, aconselhamento e desconto em ingressos para eventos de cultura e lazer.

A primeira a embarcar foi Caroline Chagas. Diplomada em Farmácia em agosto



Diplomada Caroline Chagas fez estágio na Faculdade de Farmácia da Universidade de Parma



Economia, Engenharia Civil, Engenharia Mecânica e Farmácia.





Assista ao vídeo com o depoimento da aluna norte-americana Angelea Ennamorato em www.pucrs.br/revista ou baixe o aplicativo Revista PUCRS, disponível para iOS e Android.

culo

de 2015, em meados de outubro foi para a Itália atuar no Laboratório de Química Medicinal da Faculdade de Farmácia, onde permaneceu por três meses. Ela participou de uma conversa via Skype com os demais colegas para prepará-los, mostrar a Universidade e contar um pouco da experiência. “Eu fui crua no italiano, achando que o inglês fluente me bastaria, mas me enganei. Na cidade de Parma, pouquíssimas pessoas falam inglês, eles mais entendem português ou espanhol. Depois que tive algumas aulas de italiano, consegui me comunicar melhor”, lembra. Para Caroline,

toda experiência longe de casa reflete em crescimento e na forma como se enxerga o mundo. “Os momentos inesquecíveis que você vive enquanto está fora do País valem muito mais do que qualquer dificuldade já ultrapassada”, garante.

A experiência trouxe ainda mais certeza de que quer seguir na carreira acadêmica, fazendo pesquisas em prol da saúde e colaborando para uma melhor qualidade de vida em geral. Além disso, logo que retornou ao Brasil, a farmacêutica conquistou um emprego em uma drogaria. Como *trainee*, teve a oportunidade de uma visão melhor sobre como um medicamento precisa de muito estudo e tempo para ser descoberto. “São vários testes, diferentes tipos de reações químicas e, muitas vezes, não se obtém os resultados esperados. Por isso demora no mínimo dez anos para que um novo medicamento esteja disponível no mercado. O estágio na Universidade de Parma contribuiu muito para valorizar minha profissão, olhando um lado mais científico da história, onde também somos capazes de sintetizar, criar e descobrir”, considera. Caroline havia participado do programa de mobilidade no Memorial University of Newfoundland, Canadá, de julho de 2013 a dezembro de 2014.

Aluna do 5º semestre de Economia, Mariza Bethanya Korzeniewicz fez as malas em janeiro de 2015 e atuou durante dois meses no Departamento de Economia da Universidade de Parma. Era encarregada de organizar os acordos internacionais, analisar a compatibilidade de currículos e cargas horárias para os cursos de graduação, mestrado e dupla diplomação de

Administração, Contabilidade e Economia. “Tive a oportunidade de aprender como é o sistema de ensino italiano e de frequentar aulas de Marketing, Microeconomia e História da Globalização para conhecer mais o ambiente e o ensino. Tudo em inglês”, conta. Durante sua estada, hospedou-se em uma residência estudantil, o que a ajudou na adaptação e a conhecer novas pessoas de cursos e nacionalidades diferentes. “Apesar de ter feito outros intercâmbios, neste tive contato com a minha área de formação profissional o que fez dessa experiência única para mim”, afirma.

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



Aluna do 5º semestre de Economia, Mariza Korzeniewicz estagiou dois meses na Itália



FOTO: VISUAL HUNT

O engenheiro mecânico Alexandre Neuwald teve oportunidade de atuar na sua área

Formado em Engenharia Mecânica em dezembro de 2015, Alexandre Neuwald mal tirou a toga e, em janeiro de 2016, pegou um voo rumo a Parma. Ficou até abril no Dipartimento di Ingegneria Industriale da Universidade, trabalhando com engenheiros industriais especializados em alimentos. Seu laboratório atendia a Ocrim, empresa que fabrica máquinas do setor de produtos como grãos, aveia, farinha e milho. “Estavam criando um sistema para plantas de produção de forma mais rápida e minha atividade foi basicamente em programação. Já consegui aproveitar no meu trabalho aqui diversos artifícios que aprendi. Durante toda a faculdade trabalhei em uma área um pouco diferente da minha formação. A bolsa me deu a oportunidade de conviver com engenheiros da minha área, muito inteligentes, de uma geração bem nova, mas com grande experiência e conhecimentos para compartilhar”, relata.

Neuwald teve contato ainda com colegas russos, georgianos e gregos. “O sistema era todo em italiano, me forçando a aprender uma parte mais técnica do idioma. Também me ajudou na questão do inglês, pois quando fui não falava muito e no final eu estava mais confiante”, complementa. Esta foi sua primeira



viagem para o exterior e lamenta não ter feito isso antes. “Conhecer pessoas, culturas e mundos novos é demais. Não pensaria duas vezes se me pedissem para voltar para lá. Ver as coisas sendo feitas

de maneira diferente fez com que eu abrisse a cabeça. Apesar de Parma ser pequena, deixou grandes aprendizados, amizades e lembranças que jamais vou esquecer”, garante.

Estágios *internacionais*

A partir de 2016, estudantes estrangeiros que escolherem a PUCRS contam com a possibilidade de fazer estágio. Podem ter a prática profissional além das disciplinas que cursam ou vir para o Brasil especialmente para isso. O programa Estágios Internacionais segue as mesmas regras da Lei de Estágios brasileira e é uma parceria entre Mobilidade Acadêmica, Escritório de Carreiras e Estágios Fijo. Os setores atuam na captação de empresas e apoio no processo de seleção, além da abertura de vagas, identificação de alunos estrangeiros, consultoria de carreira aos alunos internacionais e interlocução com as unidades acadêmicas.

O benefício em ter um estagiário de outro país é a internacionalização da empresa, o conhecimento de diferentes culturas, o desenvolvimento do idioma e de competências da equipe e perspectivas globais. “Nor-

malmente empresas procuram estagiários de países onde o negócio tem práticas reconhecidas, assim o aluno pode compartilhar esse conhecimento com funcionários, sem contar que isso os torna mais abertos”, explica Katia Almeida, coordenadora do setor Estágios Fijo. O setor é agente integrador e auxilia na seleção fazendo o *match* do perfil da vaga com os candidatos, uma pré-entrevista e emitindo um parecer.

Angelea Ennamorato veio da San Diego State University (EUA), onde cursa Negócios Internacionais, para estudar na Face – Escola de Negócios da PUCRS por um semestre. Antes de viajar ao Brasil, respondeu a um formulário da Mobilidade Acadêmica sobre seu interesse em fazer estágio no país. Chegou em fevereiro, fez um intensivo de Português para Estrangeiros e teve tempo de se familiarizar com o Campus antes de

as aulas começarem. Desde março atua na área de *marketing* e comunicação da Able Center, empresa de *call center* e pesquisa de mercado sediada no Tecnopuc. “Eu ajudo no contato com clientes internacionais e no reposicionamento de marca. Minhas atividades estão diretamente relacionadas com o que aprendi nas aulas, como psicologia da gestão, marketing global e comunicação. Me envolvo na criação de um novo logo, de conteúdo para o *site* e de uma versão em inglês. Tem sido interessante para a definição do rumo que quero dar para minha carreira. Ganhei experiência em marketing e melhorei minha habilidade para resolver problemas e trabalhar em equipe”, avalia.

A diretora executiva da Able, Ieda Maria Bonness, conta que recebeu uma visita da Fijo com a lista de alunos estrangeiros candidatos a estagiar durante sua estada



novidades acadêmicas



A norte-americana Angelea Ennamorato (C) é estagiária na Able Center, no Tecnopuc

no Brasil. A apresentação do programa abriu horizontes sobre as possibilidades de divulgação da empresa no exterior. “É um grande ganho para a Able, já que alguns de nossos projetos são internacionais. É a oportunidade para nossa equipe ter uma vivência de internacionalização. Mesmo com colegas com quem não trabalha diretamente ela busca o diálogo. Nossas expectativas foram superadas”, destaca.

Para a diretora de marketing e comunicação da Able, Sthefany Barbosa, os colaboradores veem como fator positivo a empresa “abraçar” um estrangeiro. “A Angelea traz uma visão cultural diferente e quando discutimos comunicação para outros países, ela tem essa percepção de como seríamos recebidos lá fora. Nossos diálogos são uma mistura de inglês e português, e todos se entendem”, aprova.

A norte-americana recomenda aos estudantes estrangeiros que considerem a possibilidade de fazer estágio durante o intercâmbio. “Embora seja um desafio ter uma agenda mais cheia, a experiência acumulada e as relações construídas são

inevitáveis e duradouras. Foi por meio dos esforços da Mobilidade e Estágios Fijo para conectar alunos internacionais a empresas que tudo deu certo. A Able é como se fosse minha segunda casa. Todos são muito receptivos e prestativos, não poderia ser melhor”, reconhece. [P]



FOTO: CAMILA CUNHA

[in english]

Conteúdo em inglês

International Internships

From 2016 on, international students at PUCRS will have the chance to do an internship. They can either have professional practice along with the courses they undertake or come to Brazil specifically for that. The International Internships program will be in compliance with the Brazilian Internships Act and is carried out through a partnership between Academic Mobility, Careers Office and Fijo Internships. The aforementioned departments are in charge of contacting companies, creating postings and spotting international students interested in the program.

The benefit of having an international intern is the internationalization of the company, awareness of different cultures, language and team work

development and global perspectives. As an integrative agent, Fijo Internships assists in recruitment, matching the candidates with the postings, a screening interview and giving an opinion.

Angelea Ennamorato came from San Diego State University (USA), where she studies International Businesses, to study at the Business School for one semester. Before coming to Brazil, she filled an Academic Mobility form about her interest in doing an internship here. She arrived in February, did an intensive course of Portuguese as a Second Language and had time to acclimate with the Campus before the start of the classes. She has been working with marketing and communication at Able Center, a call center and market research

company headquartered at Tecnopuc. “I help contact international clients and in brand repositioning. My activities are directly connected with what I have learned in class, such as management psychology, global marketing and communication. I deal with the design of a new logo, content for the website and a version for it in English. I have gained experience in marketing and have improved my ability to solve problems and work in teams”, she says.

The American student recommends that international students contemplate the possibility of doing an internship during their exchange. “Although it is a challenge to have a full schedule, the experience gained and the relationships built are priceless and long-lasting”, she acknowledges.



25 anos de Educação Tutorial

Veja galeria de fotos e assista ao vídeo com depoimentos de petianos, ex-participantes e do professor Luiz Glock em www.pucrs.br/revista ou baixe o aplicativo Revista PUCRS, disponível para iOS e Android.

PET está presente nos cursos de Química, Psicologia, Letras, Ciências Biológicas e Informática



FOTOS: CAMILLA CUNHA

Alunos, tutores, ex-petianos e coordenadores no dia de comemoração na PUCRS

Alunos que buscam atuar nos eixos de pesquisa, ensino e extensão dentro da Universidade procuram o Programa de Educação Tutorial (PET). Organizado pelo Ministério da Educação nos anos 1970, a PUCRS começou a participar dos editais em 1991. Voltado para os cursos de Química, Psicologia, Letras, Ciências Biológicas e Informática proporciona atividades aplicadas a 12 alunos em cada grupo e um professor que atua como tutor. Com exceção do PET Química, criado em 2001, os demais comemoram 25 anos.

O PET faz parte da Coordenação de Programas Especiais da Pró-Reitoria Acadêmica. Promove uma qualificação extra, que oferece autonomia acadêmica e profissional. No Brasil, existem 842 grupos entre 121 Instituições de Ensino Superior. A PUCRS é uma das poucas universidades privadas que ainda possui a educação tutorial. “É um importante programa para a graduação porque os alunos conseguem

fazer conexão entre ensino, pesquisa e extensão e, ainda, ter melhor visão do seu curso e da Universidade”, define Valéria Corbellini, coordenadora de Programas Especiais.

“Percebemos o diferencial desse aluno depois que se forma ou sai do PET”, comenta Valéria. É um estudante mais maduro, autônomo e comprometido. “Estão no turno inverso, transitam nas salas dos professores, no pós-graduação e vivenciam o Campus”, salienta. Uma atividade de integração é o InterPET que ocorre uma vez por mês reunindo todos os grupos. O objetivo é que os estudantes se auxiliem compartilhando tarefas.

Cada aluno petiano tem 20 horas semanais dedicadas às atividades planejadas por cada grupo, com prioridade à diversidade de conhecimentos, que vão além do currículo formal. Os estudantes podem se inscrever a partir do primeiro ou segundo semestre, dependendo do grupo.

Formação marcada pela *in*

Kátia Rocha é professora do curso de Psicologia e foi petiana de 1998 a 2001, durante toda a graduação. “Uma das grandes potencialidades é a oportunidade de experimentar pesquisa, ensino e extensão”. Para ela, a auto-gestão do PET é muito importante e auxiliou em seu desenvolvimento profissional. As atividades entre os PET’s mostram a interdisciplinaridade do programa. “Minha formação foi totalmente marcada pela inserção no grupo”, conta.

A professora diz que o PET influenciou bastante sua escolha pelo magistério. Uma das histórias que marcou foi uma viagem a Brasília. “Sou da época em que acabaram as bolsas do programa e fomos de ônibus à capital federal para uma manifestação. Mas, nosso ônibus quebrou no meio do caminho e chegamos à tarde para o encontro que era de manhã”, relembra. O fato ocorreu em 1999 e envolveu os PET’s da UFRGS também. “É uma história engraçada e tem uma parte política e de envolvimento muito importante”.

Petiano *vivencia o mundo*

Guilherme Pereira é estudante do 3º semestre de Engenharia da Computação e faz parte do PET Informática. Entrou no programa no 1º semestre porque viu a participação do grupo na Universidade e quis ter essa vivência também. “Gosto muito da extensão pelos projetos diferentes. Sou responsável por essa área aqui no PET”, conta.

O Projeto Educodar foi a atividade mais marcante que participou. Parceria da ThoughtWorks e do Tecnopuc, os alunos auxiliam crianças da Vila Fátima em noções básicas de programação, como monitores. “É muito legal ter a experiência como professor e vivenciar coisas que não estamos acostumados”, relata. Do projeto, só leva lembranças boas de estudantes que seguiram na área de programação pelo envolvimento dos petianos. “O programa auxilia na visão mais ampla na área acadêmica. No PET eu aprendi a ser muito profissional”.



Guilherme Pereira: “No PET Informática aprendi a ser muito profissional”

serção no grupo

O PET mostrou à Kátia uma ideia de trajetória a seguir e disseminou nela uma semente de pesquisa e vontade de conhecer coisas novas. “É uma experiência rica que marca a formação de uma maneira positiva, tanto pelo crescimento pessoal quanto profissional”, enfatiza. **[P]**



Kátia Rocha (primeira à direita na fila do meio) com o grupo do PET Psicologia em 1999

Os grupos PET

Letras

A tutora é a professora Silvana Silveira. Atuam no Projeto Geron (aulas de inglês e português para pessoas acima de 60 anos) e no Educodar (português para alunos da Vila Fátima em vulnerabilidade social, em parceria com o Tecnopuc e a ThoughtWorks). Os alunos têm liberdade nas aulas, na adaptação e preparação do material. De acordo com a professora, auxiliar na escolha dos novos colegas é essencial para prepará-los profissionalmente. Voluntários são bem-vindos. “Os estudantes adquirem muita prática de sala de aula, domínio de palco e desenvoltura”, observa Silvana. São monitores na disciplina de Português para Estrangeiros e nas aulas de conversação em inglês. Auxiliam na preparação para Toefl. Na área de pesquisa, produzem atividades individuais ou em grupo.

Química

“Os alunos têm uma autonomia muito grande, sou uma espécie de mediador”, enfatiza o tutor Tiziano Dalla Rosa. O grupo se insere dentro das pesquisas da Faculdade. No ensino, trabalham no auxílio a alunos estrangeiros, outros acadêmicos com dificuldades em química, além de atendimento a escolas. Participam de um “Dia de Químico”, em que têm uma vivência em laboratórios. Open Campus, recepção aos calouros e Semana de Química são atividades de extensão.

Psicologia

A tutora Rita Teixeira, ex-petiana, salienta que eles têm autonomia para realizar as atividades. “É uma oportunidade para os alunos fazerem uma formação complementar”. Reuniões semanais organizam o planejamento. PET Cinema é um dos projetos em que há apresentação de um filme e convidados para discutir o tema, aberto à comunidade. No Salão de Graduação os alunos do curso de Psicologia apresentam seus trabalhos, mesmo sem vínculos de bolsas. O PET Info é um momento onde recebem os calouros. O Em discussão possui debate com convidados. Ainda desenvolvem atividades de extensão em hospitais e escolas públicas. “O aluno tem o papel de fazer o efeito multiplicador para quem não é petiano”.

Biologia

As pesquisas são realizadas até mesmo em instituições fora da PUCRS. Participam de reuniões semanais para apresentar o andamento dos estudos. Visitar os calouros semestralmente, atualizar Facebook, entre outros, são tarefas competentes a todos. A tutora é a professora Ana Lúcia Chittó. Os alunos planejam cursos, procuram palestrante, promovem o Ciclo de Palestras. Participam como monitores do Clube de Ciências. No Open Campus, Uma Noite no Museu e Pequenos Acadêmicos atuam para assessorar na área de biologia.

Informática

“Os alunos que pretendem ter uma ligação com o meio acadêmico vêm para o PET. É a primeira oportunidade que podem ter”, diz o tutor e professor da Faculdade de Informática Tiago Ferreto, ex-petiano, de 1997 a 1999. O Projeto Educodar, em parceria com o PET Letras é uma das atividades. Os estudantes atuam como monitores em aulas sobre fundamentos de programação para escolas da Vila Fátima. Ainda, há o PETTalks. Os bolsistas participam de grupos de pesquisa ligados a diversas áreas. Ao fim, há a entrega de um artigo e um *workshop* para apresentações.



Die

Integrantes do grupo que desenvolve o app no Centro de Pesquisa em Engenharia de Sistemas

de acordo com o paciente, cadastrar todos os dados pessoais, histórico clínico, terapia nutricional em uso e patologias, além de acessar instrumentos

Os cursos de Informática e de Nutrição se uniram para oferecer uma solução completa aos pacientes que se alimentam por sonda e aos profissionais de saúde. Criaram o Nutrimob, uma plataforma *web* e um aplicativo que facilitam o processo de avaliação, a prescrição de dietas e o acompanhamento, além de melhorarem a comunicação. A pesquisa é desenvolvida pelos professores Raquel Dias e Ana Feoli, da Nutrição, e Daniel Callegari, da Informática, no Centro de Pesquisa em Engenharia de Sistemas (Cepes). “Estudos preveem que no futuro, além de prescrever dietas, medicamentos e formas de administrar, os profissionais da saúde também irão indicar aplicativos como ferramenta adicional de controle e acompanhamento do paciente”, garante Callegari.

Segundo Raquel, a nutrição enteral domiciliar (por sonda) está cada vez mais comum em função do envelhecimento da população e da maior prevalência de doenças crônicas e neurológicas. Muitas vezes, os cuidados clínicos com o paciente não precisam ser intensivos e apenas a questão da alimentação recebe atenção especial, por estarem impossibilitados de se alimentar por via oral. “Para que a dieta seja adequada e as pessoas preservem um bom estado nutricional, é fundamental uma boa avaliação e prescrição. É importante que o profissional de saúde, médico, nutricionista ou enfermeiro que acompanha o paciente tenha uma ferramenta que garanta segurança na avaliação e prescrição”, destaca.

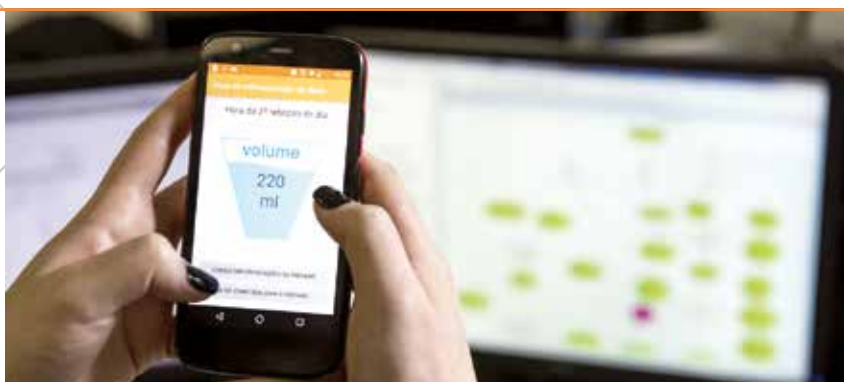
O *site*, de acesso restrito ao profissional, permite configurar as características

de avaliação nutricional, utilizados mundialmente. “O *software* seleciona o instrumento conforme a idade do paciente. Existe uma inteligência por trás que toma as decisões”, diz Callegari. A partir dos resultados, o profissional de saúde faz a prescrição da melhor fórmula de alimentação e determina a quantidade de calorias, de cada nutriente, carboidratos, lipídios e proteínas a serem consumidos.

A plataforma emite um diagnóstico nutricional e uma visualização gráfica, que corresponde a quantidades de proteínas, lipídios e carboidratos, que podem ter ajustes individuais. O médico pode mudar orientações e quando o aplicativo for aberto pelo cuidador, apresenta as novas informações. “Nós mapeamos o processo que hoje é feito manualmente para um sistema digital

Vantagens do app

- Controle e monitoramento precisos do paciente
- Segurança na avaliação e prescrição
- Atualização dos dados conforme a evolução do tratamento
- Estimula o autocuidado beneficiando o paciente





ta e aplicativo

Pesquisa da Nutrição e da Informática desenvolve site e aplicativo para auxiliar alimentação por sonda

que pode ser levado para o ambiente onde está o paciente. A medida que há evolução no tratamento, os dados vão sendo atualizados pelo próprio aplicativo e o médico ou nutricionista acompanha essa melhora”, explica Callegari.

O sistema tem cadastrado uma lista de fórmulas existentes no mercado e as sugere de acordo com a necessidade identificada. O profissional faz a prescrição e o paciente tem acesso a ela pelo celular, podendo optar pela que for mais conveniente. Horários de administração da dieta, número de vezes por dia, orientações, alertas do momento de lavar a sonda, lista de compras com esti-

mativa mensal da quantidade necessária da fórmula e até quando está na hora de uma nova consulta são de acesso ao paciente ou seu cuidador. “De tempos em tempos o aplicativo Nutrimob solicita que seja informado o peso do paciente para que o profissional de saúde, que é o prescritor, seja avisado pelo *site* e tenha esse controle. É uma forma de monitorar se a alimentação está sendo realizada da melhor forma e se o estado nutricional do paciente está de acordo com o planejado”, comenta Raquel.

Dentre os benefícios que o aplicativo traz estão a promoção do autocuidado, embora nem sempre seja o próprio paciente

que utiliza, mas um cuidador ou um familiar. “Quanto mais autonomia no gerenciamento do autocuidado, melhor são os resultados da terapia. Quando tratamos de condições crônicas de saúde, toda ação que promova autonomia para autocuidado vem em benefício do paciente”, afirma Raquel. “Eu arriscaria um termo novo: o cuidado ativo. Temos visto uma mudança na forma de agir com o paciente, com algo que o auxilia enquanto o profissional da saúde conta com a plataforma para acessar gráficos, histórico da evolução do peso, por exemplo, que é um dos fatores críticos na nutrição enteral”, complementa Callegari.

Desenvolvimento dos *estudantes*

A preocupação do grupo de pesquisa não é apenas criar um produto para o mercado. Há o estímulo ao crescimento dos estudantes que participam da construção do protótipo, com um papel pedagógico por trás. Assim, o estudo conta com dois alunos de iniciação científica, Murilo Oliveira de Araújo (Facin) e Giulia Giubel (Faenfi). Eles acompanham não apenas a parte técnica, mas o desenvolvimento do produto, a criação, a concepção de uma ideia, a transformação em modelo, a codificação e a realização de testes.

Segundo Callegari, Araújo se destacou na disciplina de programação e foi convidado para participar do projeto. Atualmente cursando o 3º semestre de Sistemas de Informação, o jovem de 18 anos que pretende seguir nas pesquisas de tecnologia aplicada na saúde garante que a interdisciplinaridade do projeto traz novos conhecimentos em uma área diferente da sua. “Está sendo fantástico poder colocar em prática tudo o que aprendi”, afirma Araújo.

Próximos passos

Os pesquisadores realizaram conversas com a equipe de nutrição do Hospital São Lucas da PUCRS (HSL) para conhecer a realidade e as demandas, os pontos críticos no momento de avaliação do paciente e as dúvidas mais frequentes após a alta. A ideia é fazer a validação do programa no HSL. “Vamos trabalhar com um processo iterativo incremental, fazendo pequenos incrementos e melhorando com constante *feedback*. Por isso a interação com o hospital é importante, pois conseguimos com certa frequência coletar dados de como está nosso desenvolvimento frente ao esperado. Recebemos um retorno e fazemos correções para o produto ficar como esperado”, planeja Callegari.

Inicialmente desenvolvido para Android, o grupo de pesquisa agora busca dar ao aplicativo um enfoque mais comercial e próximo ao usuário. “Buscamos pessoas que possam nos auxiliar no *design* gráfico das orientações passadas ao paciente/cuidador e no *design* técnico, de usabilidade”, revela. A próxima fase será o aprimoramento da ferramenta e o desenvolvimento de um Nutrimob Kids, focado na nutrição enteral infantil, que utiliza diferentes formas de avaliação e dietas. O término da pesquisa está previsto para agosto de 2017. [P]



FOTO: JOÃO PAULO CHARLEIX/FOTOS PÚBLICAS

O mapa da imigração haitiana no RS

O desemprego é um dos principais estressores entre os haitianos

Desastres naturais, guerras, violência, desemprego. A decisão de deixar seu país de origem e partir em busca de uma vida melhor não é fácil, mas em alguns casos é a única saída. Nos últimos anos, o mundo tem voltado seus olhos para a questão migratória de forma mais atenta. Dados do Centro Ítalo-Brasileiro de Assistência e Instrução às Migrações (CIBAI Migrações/CNBB Regional Sul III) mostram que a chegada de imigrantes no RS até agosto de 2015 girava em torno de 14 mil pessoas. O Programa de Pós-Graduação (PPG) em Psicologia desenvolve uma série de pesquisas com imigrantes haitianos, abordando o processo migratório, o impacto em termos de saúde mental, situações de racismo e a aculturação.

A pesquisa desenvolvida pela aluna de mestrado Alice Einloft Brunnet procurou avaliar o reflexo no desenvolvimento de imigrantes que passaram por experiências traumáticas e adversas em seu país de origem, durante o processo migratório e após a chegada ao Brasil. Orientada pelo professor Christian Haag Kristensen, coordenador do PPG, Alice entrevistou 66 haitianos em Porto Alegre, em Canoas e em Encantado. Verificou questões relacionadas à saúde mental, trauma, depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Viu a influência de questões culturais, sociais e individuais como fator de risco para esses transtornos mentais e a associação com situações de racismo.

Dentre os resultados encontrados, destaca que os indivíduos que mais sofreram

racismo têm tendência a problemas de ansiedade, depressão e TEPT. Aqueles que encontram dificuldade de manter contato com familiares ou de retornar para casa em situação de emergência também estão sujeitos a problemas psicológicos. “Do total, 9,1% foram diagnosticados com o TEPT, 10,6% com sintomas significativos de depressão e 13,6% com sintomas significativos de ansiedade”, expõe Alice.

Os entrevistados apresentavam sintomas relacionados à saúde mental como revivência ou pensamentos intrusivos frente às situações traumáticas e esforços para evitar pensar, sentir ou se deparar com pessoas, situações ou locais associados à experiência traumática. “Essas pessoas também têm alterações no tipo de pensamento, na cognição, no humor, com uma tendência a interpretar mais negativamente o que acontece consigo e dificuldades para experiências de emoções positivas”, relata Kristensen. Outros sintomas estão mais ligados à reatividade fisiológica aumentada, como dificuldade para dormir, para se concentrar e irritabilidade.

Eventos *estressores*

Grande parte dos entrevistados, cerca de 60%, estava em Porto Príncipe, capital haitiana, durante o terremoto de 2010. A maioria chegou ao Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida, visto que o País concedeu visto humanitário

aos haitianos. Dos 66 participantes, 15 são do sexo feminino e 51 do masculino, com idade média de 32 anos. Desses, 48,5% estavam desempregados na época. Residem no Brasil há cerca de 16 meses e têm escolaridade média de dez anos de estudos. Foram expostos a uma média de 2,17 eventos traumáticos, sendo catástrofes naturais os mais prevalentes, com 60,6%.

Os eventos estressores mais frequentes pré-migração foram falta de comida e água (28,8%), falta de moradia com boas condições (10,6%) e condições ruins de trabalho (13,6%). Durante a migração, passaram por situações de falta de comida e de água (19,7%) e superlotação de abrigos temporários (13,6%). As dificuldades pós-migração mais comuns foram preocupação com a família no país de origem (72,7%), incapacidade de retornar ao seu país em emergências (60,6%), solidão e tédio (59,1%), superlotação da casa (43,9%), falta de boas condições de moradia (39,4%), desemprego (51,5%), falta de comida e água (28,8%) e discriminação (27,3%).

Segundo Alice, por mais que situações sociais como racismo tragam tristeza, dificuldade para dormir e estresse, percebe-se neles uma grande resiliência. “São pessoas que tomaram a iniciativa de tentar uma vida melhor e, em geral, têm esse estilo de personalidade de enfrentar a adversidade. Não vimos ninguém impossibilitado de trabalhar por causa disso. Estavam sempre querendo uma qualidade de vida melhor”, comenta. **[P]**

Saiba mais sobre o perfil do novo imigrante no RS, aspectos de identidade, inserção na cultura local e bem-estar, além do racismo que sofrem em Encantado em www.pucrs.br/revista ou baixe o aplicativo Revista PUCRS, disponível para iOS e Android.

Durante a migração, 19,7% passaram por situações de falta de comida e de água

[Por Vanessa Mello]

Pesquisas do Pós em Psicologia avaliam impactos na saúde mental, racismo e a aculturação

FOTO: ANGELA PERES/FOTOS PÚBLICAS



Em busca de soluções

A partir dos resultados encontrados, pretende-se instigar um debate sobre estratégias de intervenção para melhorar as condições de vida dessas pessoas. “Por estarem ligados a questões sociais como racismo e impossibilidade de comprar a passagem para ver a família, pode-se pensar em políticas públicas para imigrantes”,

sugere Alice. A psicoterapia cognitiva comportamental também pode ser utilizada para os sintomas de TEPT.

Kristensen aponta a necessidade de adaptações culturais nos modelos atuais de abordagem da psicoterapia para atender pessoas que vem de uma cultura tão diferente. “Não necessariamente o que utilizamos vai

funcionar ou vai ser compreendido. No caso dos imigrantes haitianos há a questão do idioma. Como a Alice fez mobilidade acadêmica e passou um semestre na França, ela estava capacitada para buscar instrumentos válidos e adaptá-los. Fez as entrevistas em francês, o que facilitou a aproximação”, revela o orientador.

[in english]

Conteúdo em inglês

Refugees

The Graduate Program in Psychology has been working on a series of investigations with Haitian immigrants, looking at the immigration process, its impact on their mental health, racism and acculturation. The study looked at the impact on the development of immigrants who went through traumatic experiences in their native country during the immigration process and after their arrival in Brazil. 66 Haitians have been interviewed in Porto Alegre, Canoas and in Encantado. Most potential victims of racism showed higher tendency to have anxiety problems, depression and posttraumatic stress disorder (PTSD). Those who can't keep contact with their family or return to their home in an emergency situation are subject to psychological problems as well. Out of the total number of respondents, 9.1%

have been diagnosed with PTSD, 10.6% have presented symptoms characteristic of depression and 13.6% have presented symptoms characteristic of anxiety.

Most respondents, around 60%, were in Port-au-Prince, the nation's capital, during the 2010 earthquake. Out of the 66 participants, 15 are women and 51 are men, with an average age of 32. 48.5% of them were unemployed back then. They've been living in Brazil for 16 months and have an average schooling of 10 years. They've been exposed to an average of 2.17 posttraumatic events, being natural disasters the most prevalent ones, at 60.6%. Based on the findings, we intend to instigate a discussion on the strategies of intervention to improve the living conditions of these individuals.

Vozes pela paz

[Por Ana Paula Acauan]

Documentário mostra projetos sociais que apostam no diálogo e na autonomia infantil



FOTOS: INFÂNCIA FALADA/DIVULGAÇÃO

Ensinar música mudou todo o resto da minha história.

A orquestra me tirou do chão.

Quem vive na favela é criado para não sonhar. Vê um brinquedo que nunca terá, lugares onde nunca irá. Se abrir os olhos, verá que é capaz de mudar isso.

É um efeito dominó, só que, em vez de cair, todo mundo se levanta.

Achei uma profissão. Cada vez que saio para cantar e estudar, molho a sementinha do futuro.

Essas frases de esperança são de crianças e jovens que se tornaram protagonistas da sua própria história e agentes transformadores em casa e na comunidade. Constan do documentário *Infância Falada*, produzido pelo Centro de Análises Econômicas e Sociais (Caes) da PUCRS, em parceria com a Conta pra Mim Filmes, para relatar experiências de projetos sociais que apostam no diálogo. O filme, com 53 minutos, faz parte da pesquisa que relata o cotidiano de violência vivido por crianças em favelas do Rio, Recife e São Paulo. Além dessas cidades, a equipe foi em busca de iniciativas que procuram dar voz aos pequenos em Nova Olinda (CE) e Araçuaí (Minas

Gerais). Com versões em inglês e alemão, o documentário será exibido em julho no 3º Fórum da Associação Internacional de Sociologia, em Viena (Áustria), seguido de debate. Em Porto Alegre, o lançamento ocorrerá no dia 19 de agosto, às 19h, no Instituto Goethe. A partir de novembro, será disponibilizado no YouTube.

Para o coordenador da pesquisa, professor da Escola de Humanidades Hermílio Santos, como os dados apurados expõem o lado negativo da realidade, o filme aponta alternativas. “Pequenos movimentos, alguns com quase 20 anos, dão uma amostra

Pequenos de 5 a 14 anos em atividade em Araçuaí (MG)



do que é possível fazer em contextos similares de grande violência.”

Diretora do filme com Santos, a jornalista Kamila Almeida comenta que diversas formas de expressão fortaleceram as crianças, as ajudaram a ficar longe do tráfico e mais próximas das famílias. “Diálogo e estímulo à autonomia são características comuns desses projetos”, destaca ela, também responsável pelo roteiro com Thaís Martins, que realizou a montagem e finalização do documentário. Doutoranda em Ciências Sociais pela PUCRS, estuda os filhos da violência doméstica.

Durante as entrevistas, marcou Kamila a história de um jovem que via a mãe apanhar e corria atrás do pai gritando: “Quero paz!”. Passou a fazer parte do canal de comunicação *Favela News*, do Rio, como um grito de defesa. A situação em casa melhorou e ele ajudou, com o projeto, a derrubar estereótipos, discutir o conceito de favelado e mostrar que a violência não é normal. “Quando ele pedia paz, parecia uma utopia”, comenta a jornalista.

Projetos de leitura para mães e filhos, o programa de rádio *Submarino Amarelo*, apresentado por uma menina de 13 anos que recebe alô e sugestões de crianças, rodas de conversa, canto e dança. Essas são algumas das diversas ferramentas para despertar a autoestima e estimular a solução de

conflitos. Cria-se um clima favorável a desabafos de situações de violência dentro de casa. E a solução ultrapassa os muros do projeto e se espalha para os lares.

“Se existe um problema e for se resolver com violência, vai criar outro”, ensina Tainara, 15 anos, que integra a Fundação Casa Grande. No local, que deu origem à cidade de Nova Olinda (CE), as crianças tomam conta de cada espaço do museu do século 18. “O grande aprende com o pequeno, e o pequeno aprende com o grande”, aponta a adolescente.

Muitos dos participantes das iniciativas hoje servem de inspiração para os mais jovens. Sidineia é um exemplo. Via a mãe sair de casa e voltar quando os dez filhos estavam dormindo. Trabalhava em três serviços e não dava conta do sustento da família. Então a menina foi mexer com lixo para fazer a sua parte. As coisas pioraram quando a irmã se envolveu com um jovem que usava drogas e eles precisaram se mudar. O projeto social foi um novo amanhã para Sidineia.

O documentário conta com financiamento da Fundação Bernard van Leer, da Holanda. O *teaser* pode ser assistido em <http://bit.ly/1nAOjjv>. [P]

Na Fundação Casa Grande as crianças tomam conta do museu

Projeto Ser Criança funciona em Minas Gerais



Interessados em assistir ao documentário em Porto Alegre podem acessar Infância Falada no Facebook e se cadastrar.

Dados da pesquisa

Um mapeamento sobre infância e violência foi feito em várias favelas do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. A Fundação van Leer escolheu o Caes da PUCRS para realizar o estudo que subsidiará futuras intervenções nos locais. Uma das conclusões foi o alto índice de castigos e atos violentos praticados nos lares contra crianças de zero a oito anos, admitidos pelos próprios pais e relatados por meninos e meninas de seis a oito. Os fatores urbanísticos também influenciam. Os filhos apanham mais se moram em lugares precários, com pouca luz e becos sem saída e em domicílios sem banheiro. Confira reportagem sobre o estudo em: <http://revista.pucrs.br/pub/revistapucrs/?numero=165&pg=12>. O Caes publicará um livro com a síntese e análise dos resultados. Os projetos apresentados no documentário farão parte do último capítulo.

Projetos

- Ser Criança – Araçuaí (Vale do Jequitinhonha, MG)
- Favela News – Recife (PE)
- Fundação Casa Grande – Nova Olinda (CE)
- Orquestra da Maré – Rio de Janeiro
- Caminhos da Leitura – São Paulo





Equipe do laboratório coordenado por Luis Villwock

Laboratório para ser criativo

CriaLab utiliza criatividade para melhorar produtos e serviços

Pensar criativo é uma das tendências para soluções de problemas. Ao completar cinco anos, o Laboratório de Criatividade do Tecnopuc (CriaLab), parceria com a HP e Hewlett Packard Enterprise, ocupa novo espaço em um efervescente cenário de inovação. O coordenador e professor da Face – Escola de Negócios, Luis Villwock, conta que a filosofia do laboratório permanece, mas incorpora estrutura e pessoal para ampliar o escopo de trabalho. “Um ambiente maior e equipe permanente proporcionam desenvolver mais projetos”, ressalta.

O espaço localizado no Global Tecnopuc propicia um melhor aproveitamento da criatividade de cada um. “Porém, o principal do CriaLab não é a tecnologia, nem o ambiente, são as pessoas treinadas nas metodologias que desenvolvemos”, observa. A proposta do CriaLab é animar, estimular, organizar e dar apoio às equipes para serem disruptivas.

Contato

- Global Tecnopuc, 2º andar da Torre Leonardo da Vinci
- (51) 3353-6372
- crialab@pucri.br
- www.facebook.com/crialab

FOTO: BRUNO TODESCHINI



Estudo do ambiente

O CriaLab está especializado em construção e desenvolvimento de ambientes para ativar inovação e criatividade. No novo local é como se tivessem criado um CriaLab 2.0 onde cada área tem uma finalidade. Buscas na literatura, na internet e em espaços semelhantes da Europa, da Ásia e dos EUA foram fontes de inspiração para espaço atual. A equipe fixa é formada por Luis Villwock e mais sete profissionais.



Trabalhos multidisciplinares

O laboratório tem quatro eixos de atuação. O primeiro é o da educação que engloba capacitações, treinamentos e *workshops* para uso de ferramentas e metodologias. O público é formado por funcionários de empresas do Tecnopuc, mas algumas atividades são oferecidas à comunidade universitária e ao público externo.

O segundo é o de projetos, que atua com empresas. “Utilizamos práticas de *design* mais estratégico, percebendo tendências, fazendo pesquisa de mercado, de campo, de empatia, entre outros”, enfatiza. O treinamento com funcionários não fica restrito ao espaço do CriaLab. “Podemos ir às empresas, atuando diretamente com as pessoas no seu local de trabalho”, explica. As demandas chegam para Villwock que avalia cada caso em parceria com a equipe. O laboratório está aberto a qualquer empresa do mercado. Atualmente, desenvolvem projetos com os parceiros HP, Hewlett Packard Enterprise e DBServer.

O eixo da pesquisa agrega o conjunto de pesquisadores associados ao CriaLab e trabalha fundamentos que facilitem a ativação da criatividade. Participam psicólogos, antropólogos, linguistas, filósofos e engenheiros. “Nosso foco é o fenômeno da criatividade: como acontece nas pessoas e como podemos fortalecer para atualizar nossas metodologias”, esclarece.

O último é o *hub*, a ideia de ter uma conexão de pessoas atuando em um mesmo projeto. “Em criatividade é importante um grupo interdisciplinar para cruzar saberes. Podem ser alunos, professores, consultores, empresas, até o Ensino Médio, depende da atividade”, afirma Villwock. O laboratório faz uma gestão de rede de criativos por meio das redes sociais chamando pessoas para contribuírem no estudo de um tema. Esses colaboradores, ao terem contato com as metodologias são credenciados e passam a ser chamados de CriaLabers.

Um exemplo de projeto elaborado no *hub* foi o de revitalização do Arroio Dilúvio, com a participação de técnicos das Prefeituras de Porto Alegre, Viamão, professores e pesquisadores da PUCRS e UFRGS. O CriaLab sediou esse projeto a partir da ideia de Villwock que viu uma situação semelhante na Coreia do Sul, com resultado efetivo. Os temas podem ser os mais diversos: como melhorar a mobilidade urbana, como as pessoas vão se comunicar e viajar, como diminuir o problema da falta de segurança pública, entre outros. “A conexão segue a partir do momento em que há pessoas interessadas e aderência no mercado”, relata. Consultores externos participam dependendo da temática.

CriaLab para o aluno

Villwock costuma enfatizar que o CriaLab não é somente um espaço *cool*, de estudos, de buscar inspiração. “É um laboratório”, define. Para interação com o aluno, haverá o Open CriaLab, em dia e horário a serem definidos. Haverá visitas, apresentações sobre o local e suas metodologias. O CriaLab Cultural está sendo planejado com palestras abertas e atividade lúdicas.

Para os que querem atuar como criativos basta entrar em contato com o laboratório, apresentar seu projeto e discuti-lo com a equipe. “Em uma reunião vemos se o assunto nos interessa, se temos carga horária e pessoal para ajudar”, explica. “O critério de seleção é a relevância, o impacto, se tem a ver com criatividade, se temos espaço e recurso”, enumera. Os alunos participam como bolsistas e colaboradores para as demandas. A atividade não tem custo para estudantes.

Respirando *criatividade*

José Jaeger é gerente de projetos da Companhia de Processamento de Dados do RS (Procergs) e ficou encantado com o CriaLab. “Vim para uma oficina com colegas e tivemos uma experiência de *design thinking*”, comenta. Depois de um contato com Villwock, começou a participar das dinâmicas e treinamentos. “Fizemos uma palestra sobre esse assunto na Procergs, com o grupo de inovação”, relata.

Para Jaeger é essencial aproximar a área pública das organizações que pensam o futuro. “A ideia é levar aos nossos clientes as práticas criativas”. A Procergs pretende ter uma sala de inovação e está inspirando seus técnicos a partir do ambiente novo. “Priorizar um espaço de inovação é um movimento forte que tenho acompanhado em várias empresas. Ainda vamos ouvir falar muito sobre o CriaLab”.

FOTOS: CAMILA CUNHA



Metodologias que completam

A professora do curso de Nutrição Raquel Dias conheceu o CriaLab em 2013. “Era uma formação sobre *design thinking* com professores da Rede Inovapucrs. Eu não estava mais vinculada à Rede pela minha unidade acadêmica, mas mandei um *e-mail* e fui”, conta. Logo depois, Raquel passou a fazer parte da equipe da Coordenadoria de Ensino da Pró Reitoria Acadêmica. “Começamos uma parceria com o CriaLab para capacitação de professores, trazendo para o público interno o que eles planejavam para fora”, relata.

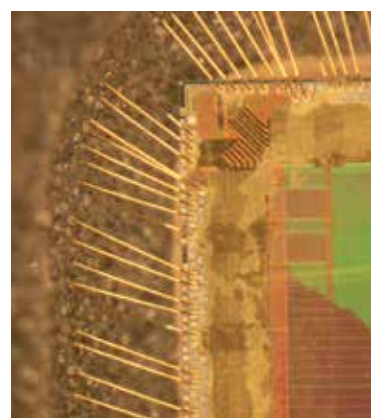
Em 2014, participou de uma capacitação docente em Viamão. “Foi completamente diferente do que a Universidade vinha propondo”, conta. A frase *Todo conhecimento tem origem nas nossas percepções*, de Leonardo da Vinci, marcou sua caminhada criativa. “A oficina me aproximou de pessoas que me ensinaram a ver o mundo de forma mais criativa e empreendedora”. Para Raquel, é muito provável que a parte criativa esteja dentro de cada pessoa mas é preciso locais como o CriaLab para resgatar esse olhar. **[P]**





Avanço em pesquisa espacial

Projeto coloca o País em novo patamar na área de resistência à radiação de componentes eletrônicos



Detalhes dos circuitos integrados testados

A **PUCRS** participa de um projeto estratégico para o País que representa um avanço na pesquisa espacial. Pela primeira vez, foram realizados testes de radiação por íons pesados (em inglês, SEE, Single Event Effects) em circuitos integrados que serão utilizados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), localizado em São José dos Campos (SP). Os experimentos ocorrem no Acelerador de Partículas Pelletron, do Instituto de Física da Universidade de São Paulo (IFUSP). São coordenados pelo professor

Fabian Vargas, da Faculdade de Engenharia, reconhecido como um dos maiores especialistas brasileiros na área.

Os circuitos integrados do tipo FPGA (Field-Programmable Gate Array) foram programados com diversos aplicativos, entre eles o SpaceWire, que será utilizado para comunicação de alta velocidade entre subsistemas de satélites em ambientes sujeitos à radiação. O FPGA é um circuito integrado que, uma vez programado, permite controlar diversas partes do satélite.

O Inpe pretende incorporar novas tecnologias baseadas em FPGA na fabricação de seus futuros satélites. O Instituto corre contra o tempo. Hoje são utilizados circuitos integrados (CIs) importados e obsoletos. Além de haver apenas dezenas em estoque, Vargas comenta que estes CIs trabalham em uma frequência muito baixa e não têm ampla capacidade de processamento de informação.

Novos ensaios ocorrem em julho, com acompanhamento do Inpe, nos *softwares*

FOTO: INPE/DIVULGAÇÃO

Decifrando o tema

Na Terra, não há praticamente radiação. Os circuitos utilizados nos satélites precisam ser tolerantes a este tipo de agressão, operando durante todo o tempo das missões espaciais. A tecnologia de fabricação é diferente da dos circuitos que operam na Terra e se agregam técnicas de detecção, correção de erros, verificação das operações. Se os circuitos não têm uma tecnologia de tolerância a falhas, estes podem apresentar falhas permanentes ou transientes e assim perdendo a confiabilidade. Outras aplicações possíveis do Projeto CITAR são para satélites militares. Em setores de oncologia de hospitais, sensores monitoram a quantidade de radiação à que estão expostos os pacientes. Neste caso, os circuitos também precisam ser tolerantes.

Sem a tecnologia adequada, satélites podem apresentar falhas





Câmara de vácuo do Acelerador de Partículas Pelletron, contendo circuito integrado sob teste

desenvolvidos no Brasil. Em dezembro, também em São Paulo, haverá testes de qualificação de placas e circuitos integrados adquiridos da China, por meio de uma colaboração entre o Grupo de Pesquisa em Sitemas, Sinais e Computação (SiSC) da PUCRS e o Instituto de Eletrônica da Academia Chinesa de Ciências. Se atenderem às especificações do Inpe, estes componentes eletrônicos também poderão ser utilizados nas futuras gerações de satélites brasileiros.

Iniciativa do governo federal, o Projeto Circuitos Integrados Tolerantes à Radiação é executado há dois anos pelo Inpe, Centro de Tecnologia em Informática Renato Archer, Instituto de Física da USP, Instituto de Estudos Avançados, Centro Universitário da FEI e Agência Espacial Brasileira. Participam ainda, além da PUCRS, o Instituto Mauá e a Fundação Educacional Inaciana Padre Sabóia de Medeiros/SP. O projeto conta com financiamento da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep).

Além dos testes de qualificação dos circuitos, a PUCRS contribui no desenvolvimento do projeto de microprocessadores tolerantes a falhas para aplicação na radiação. Vargas coordena o Laboratório de Excelência em Eletrônica, Automação e Confiabilidade de Sistemas Embarcados e o SiSC, ambos vinculados ao Pós-Graduação em Engenharia Elétrica. A equipe é composta ainda pelos professores Letícia Poehls e Juliano Benfica, além de alunos de mestrado, de iniciação científica e em trabalho de conclusão de curso. **[P]**

Os testes

Com duração média de uma semana, os testes simulam um ambiente com radiação cósmica. O feixe de íons de partículas é acelerado desde o topo de um prédio de vários andares. Vai descendo, até que partículas de íons colidem ortogonalmente com a superfície dos circuitos integrados através de um processo altamente controlado, em um equipamento denominado Pelletron. Todo o processo é controlado por uma série de computadores

que monitoram os experimentos. Os pesquisadores ficam em uma sala de controle próxima, acompanhando o experimento em tempo real. Eles verificam a confiabilidade dos circuitos integrados e dos programas de *software* sob teste.

Antes dos testes, o *chip* selecionado e utilizado pela PUCRS é enviado ao CTI para ser decapado, isto é, ter uma janela de abertura superior feita sobre o encapsulamento do CI, por onde se tem

acesso à pastilha de silício, de forma a permitir que os raios de íons atravessem a superfície e atinjam o circuito. As pastilhas de silício são conectadas ao meio exterior do encapsulamento do CI por meio de fios de ouro com espessura menor que um centésimo de um fio de cabelo humano. Antes dos testes, a equipe do professor Vargas realiza uma inspeção minuciosa de toda a eletrônica a fim garantir o seu funcionamento perfeito.

O Reitor da PUC-Chile, Ignacio Sanchez, fala sobre o trabalho que faz a instituição destacar-se no continente



Em momentos de crise, a universidade católica tem o desafio permanente de estar muito conectada com o mundo, com os desafios que a sociedade nos apresenta. A universidade, em termos católicos, deve ser ampla e inclusiva

A Pontifícia Universidade Católica do Chile (PUC Chile) realiza um trabalho que se destaca na América Latina. Em 2014 ficou em primeiro lugar no *ranking* como a melhor instituição de ensino superior da região no QS Quacquarelli Symonds. A classificação mostra as 300 melhores universidades latino-americanas com base em indicadores como a reputação acadêmica de pesquisa mundial e no mercado de trabalho, a relação do aluno com a universidade, citações em

pesquisas, proporção de estudantes internacionais e de corpo docente estrangeiro. À frente da PUC Chile está o médico Ignacio Sanchez, reitor desde 2010. Ele esteve na PUCRS em junho, por ocasião do Dia de Champagnat, para uma conferência sobre *Identidade da universidade católica*. Em entrevista exclusiva, falou sobre os desafios de uma instituição católica e de sua gestão, que tem como pilares o trabalho rigoroso, permanente e contínuo envolvendo toda a comunidade universitária; a atração de talento humano de excelência em todas as dimensões: alunos, professores, equipe administrativa; e a busca da formação internacional.

Qual o principal desafio de uma universidade católica hoje?

Um dos principais desafios está no permanente diálogo que deve existir entre a razão e a fé, e que deve fortalecer-se. Para isso, é necessário integrar o conhecimento que vem de cada uma das áreas com o saber que nos proporciona a Teologia, de onde se obtém seu verdadeiro significado. Isso não é fácil, porque nos exige sair da comodidade de nossas próprias fronteiras, a fim de dialogar com acadêmicos que utilizam outras perspectivas e linguagens para abordar fenômenos similares. Esse desafio é um sinal de desenvolvimento de uma comunidade universitária.

A qualidade é um desafio permanente?

Sim. E não se entende a universidade católica se ela não está, de forma constante, buscando a excelência, para ser melhor e servir melhor. Por outro lado, está também o compromisso que temos na formação de profissionais não só competentes em suas áreas, mas também alinhados à nossa identidade. Nossos egressos são reconhecidos como

peças que possuem um desenvolvimento integral, orientados por valores cristãos, com apreço pela família, que valorizam a ética, que têm uma cultura ampla, com capacidade crítica e propositiva, vocação para o bem comum, com consciência pela sustentabilidade e com um olhar e atitude inclusivos.

Qual a verdadeira identidade de uma instituição católica? Estamos em crise?

A verdadeira identidade não é somente o que nos distingue, mas também o que nos inspira. E, nesse sentido, essa identidade, inspiração, é dada pela Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, que a define como “uma comunidade acadêmica que, de modo rigoroso e crítico, contribui para a tutela e desenvolvimento da dignidade humana e da herança cultural mediante a pesquisa, o ensino e os diversos serviços oferecidos para as comunidades locais, nacionais e internacionais”.

Como isso se traduz na PUC Chile?

No caso da PUC Chile, isso se materializa na construção de uma comunidade que, no exercício da liberdade de ensino, contribui para a geração, difusão e expansão do conhecimento universal e, em particular, de cada área, assim como a formação científica e profissional da juventude, através da pesquisa, da criação de novos conhecimentos e dos estudos de graduação e de pós-graduação. Isso se faz a partir de sua própria identidade e do respeito à dignidade das pessoas. Em momentos de crise, a universidade católica tem o desafio permanente de estar muito conectada com o mundo, com os desafios que a sociedade nos apresenta. A universidade, em termos católicos, deve ser ampla e inclusiva. Deve enfrentar os verdadeiros problemas e fornecer soluções com um senso de realidade, de acolhida, sempre tendo em conta a sua base e fundamento: o evangelho, a boa notícia que temos de viver e comunicar.



Universidade Católica

FOTOS: BRUNO TODESCHINI



Quais as principais estratégias para a PUC Chile atingir uma posição de liderança na América Latina?

Nosso Plano de Desenvolvimento, há muitos anos, baseia-se no trabalho rigoroso, permanente e constante, envolvendo toda a comunidade universitária. A chave para uma universidade de qualidade é atrair o talento humano de excelência: bons alunos, professores com formação completa e internacional e equipe profissional e administrativa com grande identificação com a missão institucional. Esse trabalho constante e rigoroso permite que os *rankings* e medições internacionais os reconheçam e valorizem, consolidando o prestígio internacional da universidade. Dentro do plano estratégico, com ênfase no ensino e na pesquisa, somam-se os eixos de internacionalização e interdisciplinaridade, que serão capazes de realizar um trabalho de excelência nos posicionando em nível internacional.

Qual a importância da internacionalização para as instituições de ensino superior?

No caso da PUC Chile, a internacionalização está diretamente relacionada ao desenvolvimento da pesquisa. Isso se reflete na contratação de novos professores, na formação de pós-doutorandos e na atração de alunos de doutorado, não só de nosso país, mas de todo o mundo. Embora mais da metade de nossas publicações sejam indexadas com universidades estrangeiras, há ainda grande oportunidade de crescimento. O mesmo ocorre com os intercâmbios. Atualmente lideramos no país o intercâmbio de estudantes de graduação, tanto a acolhida de estrangeiros como a saída de alunos para estudar um semestre no exterior. Esse trabalho cooperativo com as melhores universidades, bem como o aumento da exposição da PUC Chile em *rankings* internacionais, constitui-se uma base sólida para estabelecer relações de cooperação mais amplas, visando criar grupos de pesquisa interinstitucionais, com acesso a fundos internacio-

nais e programas de intercâmbio de alunos de doutorado, que começam o seu programa na PUC Chile, fazem um ano no estrangeiro e finalizam a tese conosco. Paralelamente, há uma ênfase prioritária na contratação de professores de grande nível internacional para trazer experiência e talento de várias universidades de todo o mundo. Atualmente, temos cerca de 15% de professores estrangeiros. É uma grande riqueza para o nosso projeto educacional.

Como a pesquisa impacta na qualidade?

A pesquisa e a criação de novo conhecimento são a base de uma universidade de qualidade, por meio de sua contribuição para a sociedade. A pesquisa é uma das principais atividades de um complexo universitário como o nosso e a criação de conhecimento deve estimular o crescimento e um maior impacto sobre a nossa produção científica e artística. Consequentemente, é preciso também mudar a forma como nos relacionamos com as diferentes áreas dentro de nossa instituição, abordando os problemas da sociedade e do país a partir de um olhar colaborativo e interdisciplinar. Tudo isso está criando uma nova cultura de trabalho, que resulta em maior qualidade do conhecimento gerado e as relações entre alunos e professores, bem como a avaliação pública e privada da contribuição do que é criado a partir da universidade. Finalmente, é importante notar que um elemento-chave no desenvolvimento da pesquisa é a internacionalização das universidades.

Que ações deve ter uma universidade para aumentar a produtividade acadêmica?

A produtividade acadêmica se estimula por meio do trabalho constante em ensino, pesquisa e laços com a sociedade. Isso deve se manifestar em inovação docente, projetos e publicações em diferentes áreas do conhecimento e expressão da comunidade, com os vínculos necessários que nos relacionam com as necessidades do país. A carreira acadêmica, o estímulo aos professores, a promoção e o reconhecimento dos acadêmicos vão permitir o desenvolvimento e o incentivo para poder atingir as metas propostas. **[P]**

A chave para uma universidade de qualidade é atrair o talento humano de excelência: bons alunos, professores com formação completa e internacional e equipe profissional e administrativa com grande identificação com a missão institucional



alunos da PUCRS

Participação em concurso leva alunos à Suíça para discutir a fome no mundo com propostas inovadoras



Grupo da PUCRS em Zurique: Kleiton Machado (E), Wagner Fagundes e Franciele Ortolan

Embarque para empreender

Wagner Fagundes e Francieli Ortolan são alunos de Ciências Biológicas e bolsistas de iniciação científica no Laboratório de Biotecnologia Vegetal. Kleiton Machado é diplomado pelo mesmo curso e realiza mestrado na Universidade Federal de Viçosa (MG). A vida deles se cruzou ao inscreverem um trabalho para participar da premiação no Thought for Food Challenge 2016. O evento reúne anualmente a próxima geração de inventores, empreendedores e sonhadores para desafiar regras e limites convencionais em alimentos e agricultura, mudando paradigmas.

Mesmo sem terem conquistado o primeiro lugar na competição – entre milhares

de inscritos – a equipe da PUCRS foi convidada para ir ao Thought for Food Global Summit 2016, em Zurique, na Suíça, e expor a sua ideia com o financiamento de uma das companhias participantes. O evento reuniu 350 estudantes de todo o mundo e empresas envolvidas em pensar como melhorar a alimentação nos próximos anos.

Como alimentar 9 bilhões de pessoas até 2050? Esta frase em um cartaz na Faculdade de Biociências motivou Fagundes a convidar alguns colegas para assistir a palestra sobre o evento. “É bem a nossa área de pesquisa, pois buscamos alternativas para melhorar a produção de alimentos”, comenta. Na palestra, alunos e embaixadores que

havam participado do evento no ano passado falaram sobre a experiência. O grupo da PUCRS apostou na ideia e se inscreveu na plataforma. Por pensar na interdisciplinaridade, foram convidados dois amigos de outras áreas: Guilherme Marques (Engenharia da Computação) e Guilherme Oliveira (Design-ESPM), que não viajaram com a equipe.

Os participantes conheceram e aprenderam com fabricantes que propõem mudanças revolucionárias e líderes inspiradores. Assistiram ao desafio dos finalistas e experimentaram o poder criativo das oficinas e do *coworking*, em que as propostas se atrevem a ver as coisas com ousadia inovadora.

Start

Kleiton Machado conta que o grupo conversava sobre empreendedorismo e inovação durante as atividades no laboratório, mas o concurso estimulou ainda mais. “A PUCRS tem essa cara de pensar o novo e o nosso curso é muito acadêmico, onde nos é apresentado conhecimento empírico. Foi legal a experiência de criar algo concreto”, ressalta. O projeto final, chamado GrainRoad, foi uma ideia totalmente diferente do que vivenciam. “Precisava ser algo prático, real, percebemos gargalos na agricultura no

Brasil. Um dos problemas é a pós-produção, o que será feito com todo o alimento produzido?”, questiona Fagundes. “Talvez a face mais aparente seja não somente a produção de alimentos em si, mas como eles vão parar no prato das pessoas, então a gente pensou em resolver essa questão”, enfatiza Machado.

“Por ser filha de agricultor, ouvia muito sobre as perdas decorrentes do transporte de grãos”, relata Francieli. Como nas estradas sempre há grãos perdidos durante o transporte pelos ca-

minhões, os alunos pensaram em criar algo para evitar esta perda. O grupo desenvolveu um projeto para um adaptador que seria colocado em ambos os lados e atrás da caçamba de caminhões – uma bolsa para coletar qualquer grão que venha a cair. A confecção, de lona e metal, não teria custo alto. Os estudantes de Engenharia de Computação e de Design auxiliaram na modelagem do material. “Fizemos um *pitch* de 30 segundos e dois minutos de vídeo do conceito”, ressalta Fagundes.

Evento inesperado

Em abril, uma semana antes do evento, o grupo recebeu um *e-mail* da organização relatando que a empresa Monsanto havia se interessado pelo projeto e queria financiar a ida deles a Zurique. Toparam na hora. “O problema é que ofereciam somente duas

vagas! Eu iria por ter começado a ideia do desafio, ter passaporte e estar mais acostumado com o inglês”, relata Fagundes. A decisão da viagem ficou entre Francieli e Machado. “Enviei um *e-mail* perguntando se poderiam conceder mais uma vaga, que

os dois colegas eram muito importantes para o projeto e conseguimos”, conta. A empresa financiou passagem, estadia e custos do evento. Para Machado foi muito surpreendente a participação, pois trouxe reconhecimento ao trabalho.

Respirando inovação

“Além de ser um espaço que inspira muito a ter novas ideias e criar alternativas, vimos pessoas de todas as áreas e países e empresas com diferentes olhares sobre um mesmo problema: a fome”, conta Fagundes. *Workshops* eram o forte das atividades. No início, o grupo escolheu seguir aprendizados de biologia, na sua área de atuação. “Vimos o lançamento de novas tecnologias e conversamos sobre o nosso projeto em muitos *coffee breaks*”, comenta. Mostraram o vídeo e a ideia tanto para a Monsanto quanto para empresários. “Tivemos *feedbacks* positivos e sugestões para melhorar, mas o mais legal foram os contatos”, salienta Fagundes. “O evento tem um clima leve que te leva a pensar em coisas inovadoras”, acrescenta Francieli.

Os grupos de discussão eram diferenciados: *post its* eram distribuídos e colados em uma parede com palavras que falassem sobre a agricultura do passado, do presente e do futuro. O objetivo era ir retirando os papéis e fazendo conexões entre as palavras. Da atividade surgiam ideias inovadoras e novas parcerias.

“Foi um desafio por ser outro idioma, mas mais ainda pela ideia de empreendedorismo que, para nós, da Biologia, ainda é estranha porque não temos nada disso no curso”, observa Fagundes. Para eles, foi uma oportunidade de sair da zona de conforto, das pesquisas e se desafiar no mundo dos negócios.

O que mais marcou Fagundes foi a possibilidade

de pensar em negócios desde a graduação. “Conversei com um menino dos Estados Unidos que estava se formando e já tinha sua *startup* há dois anos”, relata. Para ele, começar a se desafiar para produzir algo novo vai permanecer em sua mente.

“Eu não consigo imaginar outro evento tão diferente que eu vá participar”, ressalta Machado. Destaca que o que mais aprendeu na Suíça foi ter coragem para juntar ideias e produzir. “Chamou minha atenção o espírito que as pessoas têm de inovar”, relata. “Voltei com outra cabeça e outros olhos para o mundo, hoje sou um profissional em desenvolvimento com muito mais coragem de fazer algo diferente”, conta. [P]

E agora?

O grupo quer seguir com o projeto e fazer com que ele saia do papel. Não pretendem desperdiçar a oportunidade que tiveram. Vão buscar parceiros, incubadoras e participar do Startup Garagem, da Incubadora Raiar. “Estamos buscando novos parceiros e pensando em novas criações”, afirma Fagundes.

Modelo da bolsa coletora de grãos para caminhões



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Reconhecimento da Apple

Três estudantes do BEPiD, curso de capacitação na plataforma iOS oferecido pela Faculdade de Informática (Facin) e Instituto de Pesquisas Eldorado, em parceria com a Apple, foram escolhidos para participar da conferência mundial de desenvolvedores de tecnologia iOS, o Apple Worldwide Developers Conference (WWDC). E dois professores da PUCRS selecionados para o encontro mundial de educadores, o Apple Distinguished Educators (ADEs).

O WWDC ocorreu em junho, em São Francisco (EUA), e recebeu os alunos Bárbara Kudiess e Nicolas Nascimento que ganharam uma bolsa do evento com todas as despesas de viagem pagas. Luis Filipe Novo Campani da Silva recebeu auxílio do BEPiD. Neste ano, foram oferecidas 350 vagas gratuitas para estudantes de todos os países. O evento foi aberto apenas para desenvolvedores cadastrados na Apple. Para participar, os estudantes,

inscreveram trabalhos desenvolvidos na plataforma iOS.

Os docentes Afonso Sales, da Facin, e Raquel Dias, do curso de Nutrição, estão entre o seletivo grupo de 400 educadores do mundo que participarão do ADEs, em julho, em Berlim (Alemanha). O evento reúne mais de 2 mil profissionais de todo o mundo que transformam seu ambiente de ensino e aprendizagem através do uso de tecnologias da Apple. [P]

Conheça também a trajetória da escritora Carol Teixeira, formada em Filosofia, que utiliza essa bagagem cultural nos seus livros e no seu trabalho de colunista da Revista VIP, em www.pucrs.br/revista ou baixe o aplicativo Revista PUCRS, disponível para iOS e Android.

Fazendo acontecer

Aluna de Teologia e diplomado em Filosofia abrem novos caminhos no mercado

Conhece alguém que cursa Teologia e abre uma empresa? Ou um diplomado em Filosofia que tem um *site* com 1,5 milhão de acessos, incentivando as pessoas a pensar, 100 mil curtidas no Facebook e 20 mil assinantes no canal do YouTube? Apresentamos Caroline Sales, 34 anos, dona da Efraim Jogos Católicos, e Fábio Goulart, 28, professor de Ensinos Fundamental e Médio e criador da página Filosofia Hoje.

Catequista há sete anos consecutivos, Caroline tinha muita dificuldade de encontrar materiais para as aulas e resolveu ela mesma, com a experiência de pedagoga, criar jogos sobre Maria, as parábolas e o rito da missa, entre outros. Largou o emprego e foi fazer Teologia, aprofundando-se no conteúdo que pretende levar para o redor das mesas. Graduado e mestre em Filosofia, Goulart grava vídeos semanais na cozinha de casa e ocupa um espaço para abordar temas atuais de forma crítica e mostrar por que é importante aprender filosofia.

Esses dois exemplos são incomuns – e desejáveis. O decano associado da Escola de Humanidades Luciano de Jesus diz que no exterior existem outras áreas para os filósofos – além do ensino. Eles podem atuar em televisões educativas ou conselhos de ética. No caso da Teologia, o coordenador do curso, padre Carlos Steffen, afirma que quase a totalidade dos alunos é de seminaristas que se tornarão padres. Desejaria que mais leigos frequentassem a graduação para se prepararem como catequistas, agentes de pastoral ou líderes das comunidades. [P]

Mais informações

- www.jogoscatolicos.com.br
- www.facebook.com/FilosofiaHoje
- www.filosofiahoje.com
- www.youtube.com/user/FilosofiaHoje?sub_confirmation=1

Efraim =

O jogo de tabuleiro Marialis é sobre os dogmas de Maria

Na elaboração do jogo católico Marialis, sobre os dogmas de Maria, diante de dificuldades para finalizar o material, Caroline espiou a imagem da mãe de Jesus à sua frente e rezou:



A Filosofia

FOTO: BRUNO TODESCHINI



Fábio Goulart quer compartilhar o conhecimento



Fertilidade

– Prometo te levar para o mundo. Peço que cuide das minhas coisas.

Duas semanas depois do lançamento, que ocorreu no último Dia das Mães, descobriu que estava esperando o primeiro filho. Casada há 12 anos com o professor da Faculdade de Informática Afonso Sales, fazia tratamento e não conseguia engravidar. Por convicção religiosa, queria que o processo fosse o mais natural possível. Detalhe: Efraim, nome da empresa, significa fertilidade e prosperidade, designando uma das 12 tribos de Israel.

Talvez com o bebê as coisas andem mais devagar, mas Caroline espera ser referência em jogos católicos. Instalada na Raiar, ficou em segundo lugar no Startup Garage de 2015, um programa de modelagem de negócios. Da incubadora,

A estudante de Teologia Caroline Sales abriu a sua empresa de jogos católicos

recebe o suporte que precisa para fazer a empresa decolar. No curso de Teologia, têm acesso a uma ampla gama de temas que pode explorar. Somente o Marialis baseou-se em oito documentos sobre as cinco aparições reconhecidas pela Igreja e duas de devoção popular. Pretende lançar até o Natal outros dois conjuntos. Antes de chegar ao público, tudo passa por testes em grupos de jovens e avaliação de padres e seminaristas. O Marialis saiu do forno após seis versões.

Entre os projetos da Efraim estão lançar esse jogo em formato de luxo, incluindo um aplicativo, e, mais a longo prazo, reabrir um centro de convivência em Porto Alegre para vítimas de violência e pessoas em vulnerabilidade. Dez por cento dos lucros são destinados a projetos sociais.



FOTOS: CAMILLA CUNHA

Não está nos planos de Caroline criar jogos virtuais. “A ideia é que as pessoas se reúnam em volta de uma mesa e construam memórias juntas.”

é pop

O lema da página Filosofia Hoje é “Como a amizade pela sabedoria pode nos ajudar a sobreviver ao dia de hoje?”. Surgiu em 2011, quando Fábio Goulart se formava no curso e não queria se afastar da área, pois ainda trabalhava como vendedor de automóveis. Resolveu compartilhar o conhecimento e despertar o pensamento crítico. Em um mês, tinha 100 curtidores; em dois meses, mil; em quatro, 10 mil. Alcança fãs principalmente do RS, Rio, São Paulo e Minas e chega ao Piauí e a países como Portugal e Angola. “Atinjo dez salas de aula por semana”, calcula ele, que às vezes é reconhecido na rua.

Entre os temas mais acessados estão um vídeo sobre Kant (O que é o Iluminismo – Esclarecimento) e de Introdução à Filosofia. Frases de pensadores famosos são muito compartilhadas. Os comentários o ajudam a definir novas pautas, além de fatos da atualidade, como o ataque à boate gay em Orlando. “Faço análises a partir do clássico e proponho um diálogo com o contemporâneo”, destaca.

Filosofia Hoje tem alcance até internacional

O projeto não tem fins lucrativos. Com o amplo acesso, recebe do Google em torno de 100 dólares por mês, que usa para comprar equipamentos e materiais. Dedicada de dez a 12 horas semanais às gravações e à moderação de comentários. Conta com o apoio de dez pessoas para filtrarem “ataques de ódio” e ameaças.

Fez mestrado em Filosofia e, desde 2013, é professor das redes municipal e estadual. Os vídeos e postagens se tornaram mais uma ferramenta de ensino para complementar as aulas. Mas cuida para não dar respostas prontas a trabalhos escolares.

Para o futuro, espera criar cursos e levar ainda mais a Filosofia a quem a disciplina é desconhecida. Busca parcerias visando manter o conteúdo gratuito. Quer oferecer oficinas a escolas municipais dando noções à gurizada de como publicar no YouTube. “Não busco dinheiro nem estar com o meu rosto lá. Quem é formado em Filosofia ou



IMAGEM: REPRODUÇÃO

Ciências deve ocupar esse espaço e não os charlatões que ‘vendem’ o conhecimento que não têm. As pessoas acham que são opiniões sérias e não são”, destaca.

Criado no Bairro Rubem Berta, viveu uma experiência marcante: ensinar Filosofia a jovens que cumpriam pena socioeducativa. Ficou três meses em contrato temporário. “Levei um baque e pensei: Por que eles entraram para o crime e eu não, que cresci em vila?”, questionou-se, pensando na importância da base familiar. O tema orientador daquele trimestre foi o sentido da vida. “Enfoquei com eles a ideia de que o passado deixa marcas, mas a gente pode fazer diferente. E ainda que o bem e o mal estão ligados a ações e não a pessoas.”

DIREITOS SOCIAIS

CONTRA O
PRECONCEITO,
SEJA QUAL FOR

*Serviço Social
completa 80
anos no Brasil
e 71 anos no RS*

Em def dos direi

Em 2016, o Serviço Social completa 80 anos de história no Brasil. O curso superior foi criado em São Paulo, na década de 1930, e teve sua segunda escola no Rio de Janeiro, nos anos 40. A capital gaúcha foi a terceira cidade a oferecê-lo, sendo lançado na PUCRS, em 1945, como Escola de Serviço Social de Porto Alegre. Para celebrar a trajetória de avanços e conquistas, a Escola de Humanidades preparou uma mostra com linha do tempo, fotos, provas antigas, juramento e convite de formatura, entre outros documentos históricos.

A Mostra do Serviço Social no Brasil e no Rio Grande do Sul: 80 anos contribuindo para transformar realidades e viabilizar direitos expôs além de documentos, imagens e registros desde a sua fundação, os três últimos currículos da graduação que indicam a sua evolução. O evento, realizado em maio, foi uma construção coletiva envolvendo a secretaria do curso e a geral da Escola de

Humanidades, alunos, professores, coordenação da graduação, Centro de Eventos, Museu de Ciências e Tecnologia, Biblioteca Central, além do Conselho Regional de Serviço Social. A mostra foi apresentada ao público acadêmico e docente e à comunidade externa, no Salão de Atos, no evento comemorativo aos 80 anos de Serviço Social no País, promovido pelo Conselho Regional e a PUCRS.

Ilusão de sociedade perfeita

Ao observar o que era estudado nas primeiras décadas, percebe-se uma mudança no projeto ético-político da profissão e na construção histórica da identidade profissional. “O Serviço Social nasce a partir da tríade Estado, burguesia e Igreja Católica com objetivos que permeavam as práticas assistencialistas de ajustamento. Trabalhava-se muito o ajustamento social, pois a sociedade era entendida como harmônica e perfeita e as pessoas a ela deveriam se ajustar. Na mostra são evidenciadas provas de alunos que eram verdadeiros tratados sobre o ajustamento social”, explica o coordenador do curso e organizador da mostra, Francisco Arseli Kern.

A pessoa que estivesse desempregada, por exemplo, era considerada desajustada em relação à sociedade e o assistente social atuava nesse contexto, para ajudar aquela família e também trabalhar todo o ajustamento que as relações sociais exigiam. O entendimento da profissão, naquela época, revela a compreensão de homem e de mundo de um momento histórico, mas também na origem da profissão, os sinais de uma sociedade de classes.

A década de 1970 tem um significado especial, pois neste período inicia-se o Movimento de Reconceituação da profissão, com revisão da perspectiva teórica e metodológica, buscando novos aportes para construção de uma sociedade mais justa e igualitária, questionando a concepção de harmônica e perfeita. Deixa-se de considerar o positivismo como ciência única do Serviço Social e parte-se para uma perspectiva mais crítica. Por isso, hoje há uma visão crítica da sociedade que se constitui a partir de contradições que dão o fundamento para entender esta realidade, ao mesmo tempo dinâmica e contraditória, mas que se coloca como objeto de estudo e possibilidade de atuação profissional. O Serviço Social se inscreve como profissão no Brasil e se constitui como trabalho e não simplesmente como serviço. “Está voltado ao acesso e a defesa intransigente dos direitos, o que está previsto no Código de Ética”, comenta Kern. Segundo o professor, o assistente social tem papel importante na conquista de legislações que trabalham com direitos como o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto do Idoso, entre outros.



*Anos 1990: grupo
de alunas do curso
no Campus*

Confira a galeria de fotos sobre a trajetória do curso de Serviço Social da PUCRS em www.pucrs.br/revista ou baixe o aplicativo Revista PUCRS, disponível para iOS e Android.

essa tos

FOTOS: ARQUIVO PUCRS

A primeira turma de Serviço Social graduada em 1948



Com uma formação conectada às diretrizes curriculares da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, o curso que mantém forte integração com o programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUCRS – o mestrado foi criado em 1977 e o doutorado em 1998 –, passou a ser reconhecido na formação de assistentes sociais, especialistas, mestres, doutores e docentes na área, conceituado em nível local, estadual, regional e nacional. “Historicamente, o curso foi se constituindo como referência na formação crítica, integral, na luta pelos direitos. Somos cinco estrelas no Guia do Estudante desde 2010, de forma ininterrupta. Já formamos cerca de 2.330 profissionais, desde a primeira turma”, destaca Kern.

Em ação

O mercado para o assistente social é amplo. Os profissionais podem atuar nos mais diversos espaços, como órgãos públicos, poder executivo municipal, regional e federal, legislativo, judiciário, organizações da sociedade civil, movimentos sociais, empresas, escolas, associações de moradores, mediando diversas políticas públicas

Identidade estudantil de aluna da primeira turma da PUCRS



1994: Ana Ferlauto, vice-diretora da antiga Faculdade, e o então mestrando Francisco Kern

como saúde, assistência, educação, entre outros. No último concurso da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que teve a lista de aprovados divulgada em junho, 20 diplomados e duas formandas da PUCRS estavam entre os 50 primeiros colocados para o cargo de Assistente Social. “Isso é de extrema importância para o nosso curso, pois confirma o projeto pedagógico, a dedicação dos professores com a qualidade da formação e a competência profissional dos nossos diplomados”, reflete Kern.

O coordenador conta que uma turma de profissionais formada pelo curso construiu o projeto da ONG Rede Criar. “Eles são reconhecidos, realizam trabalhos com diversas comunidades e potencializam pessoas em busca de seus direitos”, elogia Kern. O professor ressalta que, ao longo do curso, o aluno desenvolve o aprendizado de uma leitura crítica da realidade, visando a ampliação do acesso aos direitos sociais no exercício da cidadania e justiça social. “Aí

está o encantamento com a profissão. Estudantes que querem contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. É emocionante ver o crescimento deles, como se constituem e constroem seu projeto de vida profissional e pessoal”, complementa.

O profissional de Serviço Social atua no acesso ao direito focando na questão social que se expressa por meio das desigualdades produzidas na sociedade. Trabalha relações de pertencimento social e na rede de apoio à pessoa para que ela se sinta parte da realidade e tenha uma referência que potencialize a sua condição humana. “Para ser assistente social é preciso gostar de trabalhar com pessoas, saber dialogar, ter uma escuta sensível, superar preconceitos e ser propositivo em suas ações”, conclui Kern. [P]

eu estudei na PUCRS

“Gente não é código de barra”

Hoje Juiz da Vara de Execuções Criminais de Porto Alegre, Brzuska já foi frentista, office boy e corretor de imóveis



FOTO: CAMILLA CUNHA

[Por Ana Paula Acauan]

Sensibilidade marca atuação do juiz Sidinei Brzuska

O pedido do preso para acompanhar a mulher com leucemia nos últimos suspiros. Condenado no lugar do irmão, que cometeu latrocínio e deu o seu nome, Arlindo estava recluso há anos, sem possibilidade de recorrer.

A relutância da índia Juliana em sair da cela para tomar sol e comer. “Essa pena eu já cumpri”, contou, mostrando os seios decepados a facção. Não aceitava pagar pelo assassinato do marido porque no início do processo teve concedida a liberdade provisória com a advertência de que deveria ficar em casa. Seguiu à risca e não se afastou da aldeia por seis anos.

O que fez o juiz?

– Rasguei a sentença! Mandei-a embora, concedendo prisão domiciliar, mas sem dizer para ela.

Com olhos molhados pela emoção, o juiz Sidinei Brzuska, da Vara de Execuções Criminais de Porto Alegre, presenciou milhares de histórias nos quase 20 anos de

magistratura: “Esse negócio de ‘está preso porque deve’ é um reducionismo. É tratar gente como código de barra”. Ele nunca deixa de se chocar com situações-limite. Sete dias por mês, ouve presidiários e familiares para decidir sobre a progressão de pena. Conhecendo o caso de cada um, pode lhe dar um futuro. “Quanto mais próximo estiver das pessoas, as chances de erro diminuem. Suas decisões tendem a ser mais seguras e justas.”

Brzuska segue a premissa de que o juiz tem de ir contra a maioria. Escolheu a carreira no segundo semestre da Faculdade de Direito da PUCRS. Leu a decisão da juíza Sílvia Goraieb beneficiando uma poupadora que estava reservando dinheiro para fazer cirurgia de catarata e teve os valores retidos pelo Plano Collor. “A imprensa e o meio jurídico ficaram a favor e ela, que é uma juíza muito humana, prestou informações emotivas e fortes. Li aquilo e fui entender o papel do juiz. Alguém tinha de dizer que aquele direito individual precisava prevalecer sobre todos.” A poupadora teve o dinheiro liberado. Ele estava com 20 anos e programou que aos 30 seria juiz. Tomou posse aos 29, sem nenhum curso preparatório.

O grosso da população quer que o juiz seja a favor da maioria. Mas ele só se afirma se puder ser contra. Se a maioria está contigo, não precisa do juiz. Quando perdeu, tem que alguém discutir o teu direito. Nem que seja contra todos

Filho de lavador de carros e dono de borracharia em Três de Maio, se sustenta desde os 14 anos. Trabalhou com o pai e foi frentista na cidade até vir para Porto Alegre com a intenção de estudar Direito. No início, morou com a tia na Vila Cefer, dividindo o quarto com dois primos. Cada semana um dormia no chão, para revezarem as camas. Foi office boy e corretor de imóveis por dois anos para pagar o curso pré-vestibular. Gastou todo o dinheiro que sobrou com a matrícula na Universidade. Conseguiu crédito educativo para continuar a estudar.

Ingressou na Faculdade em 1988, em plena discussão sobre a Constituição Federal. “Foi um momento bem importante da concretização de muitos direitos.” Viveu grandes debates e participou de manifestações de rua pelas Diretas-Já, pedindo eleições para presidente da República. Durante o curso, assumiu no concurso como agente de segurança da Justiça Federal.



Na sua cerimônia de formatura em Direito, em 1993

Infância em Três de Maio

Até os 11 anos, Brzuska estudou em colégio particular com bolsa. Em dias de inspeção de piolhos nas crianças, ele e outros cotistas eram os únicos examinados. O mesmo acontecia quando analisavam se as unhas e as orelhas estavam limpas. Continuava jogando futebol nos campinhos da

Primeiro emprego aos 14 anos foi como frentista

Vila Popular (hoje Santa Rita) com pés descalços. Uma rua separava sua casa da co-

munidade, mas os guris decidiram incluí-lo. “Os colegas de aula adjetivavam meus amigos de infância de ‘a negadinha da vila’”

Outro “trauma” do colégio foram as aulas de Matemática. “Quería saber o porquê daquelas fórmulas.” Escolheu Administração de Empresas no Ensino Técnico, para se ver livre dos cálculos. Teve noções básicas de Direito e descobriu que no curso também não precisaria fazer contas. Estava definida sua escolha.



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

Uma pergunta para o juiz

O senhor acredita na ressocialização?

Existem pessoas que nunca foram socializadas. Praticaram um crime eventual e a prisão é uma passagem. Está cheio. Normalmente é o transportador da droga. Sem antecedentes, com mais de 40 anos, está com problema financeiro grave e alguém oferece um dinheiro fácil. Nem se mistura com os presos. Outra situação é oposta. O pai e a mãe foram assassinados quando era criança. Fica no abrigo. Quando faz 18 anos, vai embora e não tem como viver. Começa a praticar pequenos furtos e é preso e solto. Precisa de socialização. Nunca esteve inserido. É um trabalho bem difícil. Precisa de um lugar para morar, um emprego. Se for usuário de droga, pior ainda. Tem outro sujeito que se desgarrou na adolescência e virou assaltante. Tudo depende de cada um. Algumas pessoas, em três ou quatro anos, querem sair. Outras precisam de mais tempo. Não existe uma regra geral. O que se repete em muitos casos é que, quando a pessoa percebe que o tempo que tem para viver é menor do que já viveu, quer sair dali. Ela se contenta com pouco. Qualquer emprego a impede de voltar para o crime. [P]

Imagens são documentos históricos

Celas superlotadas, pessoas dormindo nos corredores, grudadas umas nas outras, umidade, esgoto e sujeira, cães famintos, cantinas recheadas de produtos e filas de familiares são temas de algumas imagens que retratam o descaso da sociedade com os presos. O juiz Sidinei Brzuska,

responsável por fiscalizar o Presídio Central de Porto Alegre e a Penitenciária de Alta Segurança de

Contagem de detentos na prisão

Charqueadas, já fez milhares delas. “Daqui a 200 anos, quando contarem a história do sistema prisional brasileiro, dirão que nós, neste século, acomodávamos os presos de modo semelhante ao que faziam os traficantes de escravos. E tanto naquela época como agora, a sociedade achava que isso era uma coisa normal e aceitável”, escreveu na sua página no Facebook, onde publica algumas fotos. “O que o Estado economiza com essa situação, a sociedade

paga sofrendo novos crimes”, adverte em outro comentário.

Exposição itinerante organizada pela Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul mostrará os últimos 20 anos do Presídio Central. Além de suas imagens, Brzuska vai ceder o material recebido do juiz Marcos Scapini, que pediu um levantamento fotográfico do local, antes de sua interdição, em 1995. A mostra abrirá no segundo semestre.



[extra]

Confira, em vídeo, o juiz Sidinei Brzuska contando como começou a fazer fotos dentro dos presídios e que significado esse hobby tomou, ao retratar os horrores de celas e galerias. Veja ainda galeria de fotos feitas por Brzuska.



lançamentos da edipucrs

Site: pucrs.br/edipucrs
Facebook: [/edipucrs](https://www.facebook.com/edipucrs)
Twitter: [@edipucrs](https://twitter.com/edipucrs)

[top5]

Os livros da Edipucrs mais procurados nos últimos dois meses

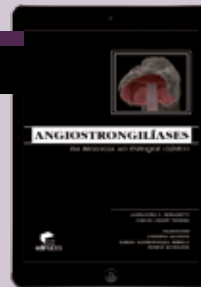


Impresso e E-book

POSITIVISMO AO ESTILO GAÚCHO: A Ditadura de Júlio de Castilhos e seu impacto sobre a construção do Estado e da Nação no Brasil de Getúlio Vargas, Jens Hentschke

A obra de Jens Hentschke é um estudo cuidadoso a respeito da influência do positivismo comtiano no Brasil, enfocando o caso do Rio Grande do Sul e as trajetórias de Júlio de Castilhos e Getúlio Vargas. O trabalho revela um domínio de uma extensa bibliografia sobre o assunto em português e em outras línguas.

E-book



ANGIOSTRONGILÍASES: Da Biologia ao Enfoque Clínico, Alessandra Loureiro Morassutti e Carlos Graeff Teixeira

E-book



DIÁLOGOS DE DIREITO PRIVADO: Contribuições do Corpo Docente e Discente da Faculdade de Direito da PUCRS, Liane Tabarelli Zavascki e Plínio Melgaré (Organizadores)

Impresso



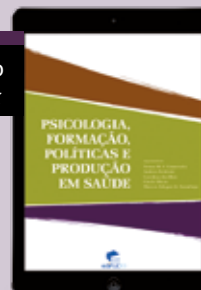
AGOSTINHO: Conhecimento, Linguagem e Ética, Roberto Hofmeister PichKother Macedo

Impresso e E-book

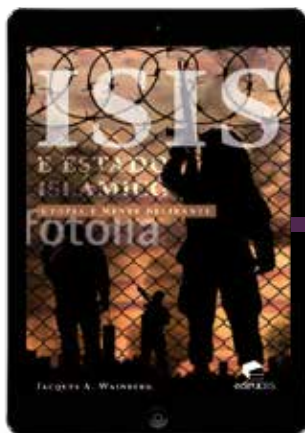


A CARNE, A GORDURA E OS OVOS, Marlon Marcel Fiori e Christian Fausto Júnior

Impresso e E-book

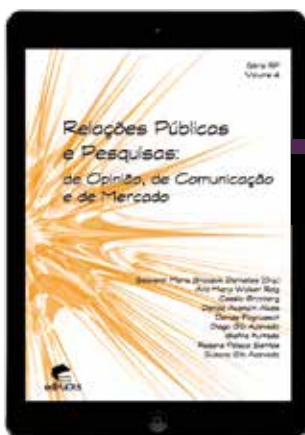


PSICOLOGIA, FORMAÇÃO, POLÍTICA E PRODUÇÃO EM SAÚDE, Neuza Guareschi



Impresso e E-book

ISIS E ESTADO ISLÂMICO: Utopia e Mente Delirante, Jacques Wainberg



Impresso e E-book

RELAÇÕES PÚBLICAS E PESQUISAS: De opinião, de Comunicação e de Mercado VOLUME 4, Souvenir Maria Grackzyk Dornelles (Organizadora)



FOTO: BRUNO TODESCHINI

Medicina e
Letras juntas:
Bartira (D), a
doutoranda
Débora e
Heloisa

Três em um

*Pesquisa de doutorado reúne
interdisciplinaridade, inovação
e internacionalização*

Uma pesquisa de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Medicina reúne três importantes pilares da Universidade: internacionalização, inovação e interdisciplinaridade. O estudo, parceria entre as Faculdades de Medicina (Famed) e Letras (Fale), tem como proposta o aprimoramento oral da língua inglesa de doutorandos da área da saúde, utilizando como suporte pedagógico um aplicativo para a aprendizagem extra-classe em tempo integral.

O PPG de Medicina tem nota 7 na Capes, e um dos itens que configuram esse nível de excelência é a internacionalização. Nesse cenário, seus alunos devem estar preparados para uma comunicação cientificamente correta e linguisticamente apropriada ao participarem de congressos ou encontros no exterior. “Queremos formar pesquisadores com capacidade de estabelecer relações de parceria com colegas de dentro e fora do País a fim de obter colaboração e recursos para pesquisa. Nesse sentido, a oralidade, como ponto de partida para a internacionalização, torna-se crucial para o estabelecimento desse vínculo”, explica a orientadora Bartira Costa.

A doutoranda Débora Montenegro Pasin é formada em Letras – Português e Inglês pela PUCRS, especialista em tradução e atua no ensino de idiomas há 20 anos. Foi por este *background* que recebeu o convite da professora Bartira

de ingressar nessa jornada interdisciplinar, com a co-orientação da professora Heloisa Delgado da Fale.

Dos mais de 70 alunos do doutorado da Famed, três voluntários serão selecionados para participarem do estudo. “Como critério estabelecemos a faixa de conhecimento linguístico B1 do *Common European Framework of Reference*, e nosso intuito é fazer com que atinjam pelo menos o nível B2, exigido pela maioria das universidades do exterior”, comenta Débora.

Durante o estudo, serão realizados 30 encontros com os voluntários para praticarem a habilidade oral. No aplicativo, Débora gravará os 100 termos e seus contextos mais usados pelo doutorando, criando um acervo terminológico personalizado. “Este método poderá ser empregado em outras áreas do conhecimento. O *app* oferecerá o referencial sonoro dos termos, facilitando a aprendizagem da pronúncia das palavras do seu trabalho”, indica Bartira.

O aplicativo começará a ser desenvolvido no segundo semestre de 2016 por Carlos Santos, mestrando da Faculdade de Informática, que já participa de outros grupos de pesquisa com a Fale. “Temos planos de levar o *app* ao Escritório de Transferência de Tecnologia e disponibilizá-lo para Android e iOS. Queremos que todas as unidades se beneficiem dessa inovação”, destaca Heloisa. [P]

Nova disciplina

O desenvolvimento dos participantes será comparado com o dos demais doutorandos, que podem ter atingido o mesmo nível verbal por outras vias. “Não achamos que essa seja a única forma, mas como instituição educadora devemos proporcionar isso sistematicamente, sem esperar que os alunos cheguem a esses patamares apenas por seus meios. Queremos avançar no quesito oralidade, que é o mais frágil quando se quer formar pessoas com penetração internacional”, comenta Bartira.

Se comprovada a eficiência do método, a ideia é propor uma disciplina de preparação de alunos no currículo do PPG da Famed, de forma transversal. A disciplina, portanto, abordaria tópicos da língua inglesa acadêmica de áreas técnico-científicas enfatizando o aprimoramento da sua prática oral. Assim, alunos de pós-graduação de todas as áreas da Universidade poderiam se candidatar a participar. “A ideia é que o estudo possa ser replicado e sirva de modelo para os demais pesquisadores”, considera Heloisa.

Ao ingressar na pós-graduação, o aluno deve comprovar apenas a proficiência leitora no idioma. Pelas leituras que faz ao longo do curso, conhece muitos termos da sua área de estudo, mas talvez sem jamais ouvi-los. A proposta é trabalhar a aplicação contextualizada e correta dos termos com ênfase na pronúncia e oralidade. “O projeto tem potencial para ser desenvolvido em qualquer unidade, para que a internacionalização esteja ao alcance de todos por intermédio dessa ferramenta. Nós somos o piloto”, finaliza Bartira.



[Por Vanessa Mello]

Exemplo para os cursos de Comunicação na região Sul, Famecos completa 50 anos

Final dos anos 1970: carros estacionavam no Campus em volta do prédio 7



A Famecos nasce como esse lugar onde se poderia imaginar que tudo seria ainda muito mais rápido e mais intenso. Onde se poderia entender que os meios seriam realmente as mensagens. Um lugar onde se poderia imaginar um mundo melhor e aprender como ajudar nessa construção. Acho que é isso o que se faz na Famecos todos os dias. Por isso, aqui continua sendo o lugar da inovação e da experimentação. Amanhã, começaremos tudo de novo.

João Guilherme Barone

FOTOS: ARQUIVO PUCRS



1971: Reitor Ir. José Otão lança a pedra fundamental do prédio da Famecos

meço de³ tudo

O final da década de 1940 no Brasil foi marcado pela demanda para criação do primeiro curso de Jornalismo no RS. Esse pedido ecoava nas vozes de profissionais da comunicação e de entidades ligadas à área. Em 1952, a PUCRS deu início à primeira turma de graduação em Jornalismo, ligada à Faculdade de Filosofia. Começava aí a história da tão conhecida Famecos, que ganhou este nome em dezembro de 1965.

Para dar o *start* no terceiro curso de Jornalismo do Brasil, a Universidade foi nas redações dos principais jornais da época e buscou os alunos, que já atuavam no mercado, muitos como repórteres, redatores e até chefes de redação. “Na primeira turma estudou o diretor de redação do Correio do Povo, Adahil Borges Fortes da Silva. Isso é emblemático. Também estavam os maiores cronistas da cidade, como João Bergmann, da Folha da Tarde. Ainda se matriculou o editorialista do Correio do Povo, Carlos Reverbel. Mostra a preocupação da PUCRS em ter um curso voltado para o mercado, estar concatenada e, ao mesmo tempo, possibi-

litar o aprimoramento, trazendo pessoas de destaque na profissão, consagradas na imprensa”, conta Tibério Vargas Ramos, que começou como aluno na turma de 1968 e segue até hoje como professor.

“A trajetória da Famecos, nestes 50 anos de sua criação, pode ser resumida como uma narrativa de grandes transformações. A sociedade da informação que conhecemos hoje, estava nascendo exatamente naquele momento, entre 1965-1966, quando os meios de comunicação ganhavam uma nova dimensão, pela capacidade de refletirem rápida e intensamente as grandes mudanças que aconteciam no mundo”, contextualiza o diretor da Famecos, João Guilherme Barone.

A professora Cláudia Moura ingressou como aluna em 1976 para cursar Publicidade e Propaganda. Em 1980, formou-se também em Jornalismo e, em 1984, completou a graduação em Relações Públicas. Leciona na Famecos desde 1984 e garante que a Faculdade foi exemplo para os demais cursos de Comunicação no Sul do País. “Pautamos

muito do ensino na região em termos de filosofia, currículo e atividades práticas para a vida profissional. Como sempre fomos uma marca forte, as pessoas olhavam muito para as nossas informações”, assegura.

Segundo Ramos, o viés de preparação para o mercado ficou claro desde o primeiro dia de aula. Seguramente, era uma experiência de aprimoramento de texto, de reflexão, de discussão e de novos conhecimentos nas áreas de economia, política e administração. A proposta era criar um jornalismo mais industrial e romper com o romantismo associado à profissão. “Até então, jornalista era apenas quem gostava de escrever e ligado a questões políticas”, recorda.

Os professores, em um primeiro momento, vieram das Faculdades de Letras, Filosofia e até de Economia, além das redações dos jornais. O curso abriu suas portas ainda no Colégio Rosário e foi transferido para o Campus atual em 1968. Inicialmente não tinha um prédio fixo e as aulas principais eram no prédio 5. O laboratório fotográfico ficava no prédio 1 e o estúdio de TV na Engenharia. “Caminhava-se bastante pelo Campus”, comenta Ramos. A pedra fundamental do prédio 7 foi lançada em 1971 e, em um ano, a obra estava pronta. “Foi o primeiro prédio construído especialmente para uma Faculdade de Comunicação”, garante.

O nome *Famecos*

O curso de Jornalismo começou em 1952, o de Publicidade e Propaganda em 1965 e, dois anos depois, o de Relações Públicas. Mas quando a Faculdade passou a se chamar Famecos? “A gente sempre teve uma visão de que o nome Faculdade dos Meios de Comunicação Social era em razão da preocupação histórica com mercado de trabalho. Isso é inverídico. O nome foi decidido pelo Concílio Vaticano II, pelo Papa Paulo VI, na época da Guerra Fria”, conta o professor Tibério Vargas Ramos. O mundo

estava dividido pela cortina de ferro, um lado comunista e outro capitalista. A Igreja então chegou à conclusão de que era preciso criar uma terceira via, com uma afirmação social nos meios de comunicação. Era preciso formar profissionais que rompessem com essa dicotomia comunismo-capitalismo e tivessem uma visão cristã. “Assim, determinou-se que as universidades católicas criassem Faculdades com esse nome. Na América, as primeiras foram no Chile e aqui na PUCRS”, afirma.



Câmeras do antigo estúdio de TV



Grandes mudanças

A tecnologia trouxe grandes mudanças para a Famecos, que sempre procurou estar à frente e dialogar com as necessidades e evolução do mercado. Quando as redações começaram a se informatizar, imediatamente a Faculdade criou o Cicom (Centro da Informática da Comunicação). “Foi por volta de 1988. A redação de máquina de escrever fechou e ficamos apenas com os computadores. Os mais antigos foram refratários à decisão, mas foi correta. Queríamos os dois modelos e, se tivesse sido assim, a transição teria demorado mais. O computador na época não era tão bom quanto hoje e a máquina de escrever era mais fácil, mas recebemos treinamento. Não existia Word, escrevíamos no DOS”, ri o professor Ramos, na PUCRS desde 1977.

Na década de 1990, lembra o professor de Publicidade e Propaganda José Fernando de Azevedo, as tecnologias entraram nas agências com programas de criação e *design* e a Faculdade viu a importância de preparar seus alunos.

Anos 1990 e 2000: computadores e internet como ferramentas de ensino

“Essa transição foi interessante. Tínhamos um diferencial grande em relação a ter o conhecimento

da tecnologia e acesso a ela, pois era algo ainda restrito, mais da área da informática. Com os *softwares*, o computador tornava-se a extensão de um lápis”, compara. Existia por parte dos alunos uma grande vontade em aprender as novas ferramentas. Era algo novo, dinâmico e que trouxe desafios à geração mais antiga. “Todos tiveram que se reciclar. Os professores mostravam a importância da transição, mas destacavam que o principal ainda era ter boas ideias, ter consciência do que se vai fazer com profundidade e conhecimento. A máquina era simplesmente uma ferramenta”, complementa.

A internet foi outro marco na vida da Famecos. “Por volta dos anos 2000 começamos, na então Agência Experimental de Propaganda, a desenvolver o *site* da PUCRS. Foram alguns anos organizando, montando, apresentando versões e conscientizando dessa importância. Perguntavam ‘Dá para colocar som?’ Dá. ‘Dá para fazer o logo ir crescendo?’ Dá. Queríamos mostrar que a internet tinha muitas possibilidades técnicas. Lançamos o primeiro *layout*, que abria com o brasão da Universidade e a voz do professor Carlos Alberto Carvalho dizendo ‘Compromisso com a Comunidade’”, recorda Azevedo.

As polêmicas

Em 50 anos de história, algumas polêmicas marcaram o dia a dia na Famecos. Uma delas foi em 1971, quando a turma de formandos decidiu não usar togas na cerimônia e sim túnicas de juta. O professor Tibério Vargas Ramos estava entre os estudantes e conta que a decisão foi uma mistura de rebeldia e “precariedade” das togas. “Não eram perfeitas como as atuais. O colega Alexandre Garcia, hoje jornalista da Globo, foi um dos que capitaneou a ação. Os anos 70 eram de rompimento de padrões culturais, estéticos e morais. Queríamos mostrar que fazíamos diferente. A Universidade permitiu, mas a repercussão foi tão grande que nunca mais deixou”, diverte-se.

O docente se lembra também da entrevista realizada pelo então jornal *Experiência*, em 1976, com a defensora dos animais Palmira Gobbi. “Ela era desbocada e todas as barbaridades que disse foram publicadas. Isso ganhou grande amplitude, e o professor que editava o jornal foi demitido”, conta. Nas produções para as disciplinas de cinema, fala em boatos de filmes mais eróticos produzidos pelos alunos, mas garante que nunca viu. “As polêmicas sempre foram a respeito de coisas realizadas, não de coisas proibidas e ficaram restritas ao mundo acadêmico”, garante.

Formandos de Jornalismo 1971: túnicas no lugar de togas por rebeldia





Alunos do curso de Produção Audiovisual (Teccine)

Tradição de *cinema*

A chegada da tecnologia também gerou debates na Famecos. O professor do curso de Produção Audiovisual (Teccine) Carlos Gerbase conta que inicialmente os filmes eram feitos em 16mm e depois passaram para Super8, da Kodak, e Single8, uma variante oferecida pela Fuji. O fim da revelação dessas duas últimas películas no Brasil, anunciado em 1988 pelas empresas responsáveis, gerou uma crise. “Tínhamos uma grande quantidade de filmes virgens e nenhuma perspectiva de como revelar, e

falava ainda em digital, mas analógica, ou seja, bitolas de vídeo. Propusemos que as disciplinas continuassem da mesma maneira, mas com equipamento de vídeo, usando câmeras Betamax que as aulas de TV já usavam”, comenta.

Foi aí que, segundo Gerbase, surgiu a polêmica. “As pessoas diziam que cinema era feito com filme e que vídeo era coisa de televisão. Não fomos bem compreendidos e isso causou um esvaziamento, uma crise no ensino do audiovisual, do cinema principal-

mente, que se refletiu nos próximos currículos. Sentimos que a Famecos estava dando as costas para uma tradição importante, que tinha feito a sua identidade: esse lugar cheio de maluco que faz muito filme e muita televisão”, revela. Para Gerbase, quem revigorou o cinema foi o professor João Barone, que capitaneou a recuperação por meio de cursos de especialização e de extensão. “Deu muito certo, sempre cheio de alunos, com produção de filmes interessantes. Essa foi a origem do Teccine”, relata. A graduação em Produção Audiovisual foi criada em 2004 e, segundo o docente, foi o primeiro curso tecnológico da PUCRS.

Gerbase ingressou como aluno em 1977. Apesar de ter sido aprovado na UFRGS, preferiu a PUCRS pela proximidade com o cinema. “Tinha equipamentos superiores e professores interessantes. Tive aula com Anibal Damaceno Ferreira, referência na área, com Benigno Rocha e Marcelo Sosa”, destaca. Formou-se em 1980 e no ano seguinte começou a lecionar na Famecos.

Antoninho, a referência

Antônio Firmo de Oliveira Gonzalez teve uma longa trajetória na Famecos. Ingressou como aluno de Jornalismo em 1957. Começou a dar aula em 1967, assumiu o Departamento de Jornalismo dois anos depois e foi nomeado diretor da Faculdade em 1976, cargo que ocupou até 1994. “Antoninho foi quem fez a imagem da Famecos. Ele deu a base para continuarmos e nos consolidarmos como referência. Ele tinha uma visão estratégica e um conhecimento profundo da área, além de muita representatividade. Foi genial”, elogia o professor de Publicidade e Propaganda José Fernando de Azevedo, que entrou como aluno em 1977.

Cláudia Moura, hoje professora de Relações Públicas, confirma. “Naquele período, a Faculdade cresceu muito. Trocamos currículos, implementamos laboratórios, realizamos muitos eventos de discussão com entidades sobre as áreas profissionais e participamos de inúmeros outros no RS. As discussões das rotinas de trabalho eram pautadas a partir do encaminamento que ele dava. Fazíamos até discussão de currículo

Antônio Gonzalez (E), o diretor que entrou para a história, com o expoente jornalista Alberto André

do ensino da comunicação no País. Antoninho contribuiu muito para chegarmos aonde estamos hoje, consolidados”, reconhece.

O professor do curso de Produção Audiovisual (Teccine) Carlos Gerbase garante que a tradição do cinema teve influência de Antoninho. “Ele dava muita força para a ideia de que o cinema era importante nos cursos de comunicação e que deveria ser valorizado”, comenta. **[P]**





FOTO: DIVULGAÇÃO/INSMERS

Calouros **solidários**

Os **bixos** da Faculdade de Medicina estão de parabéns! Entre 14 escolas de Medicina de oito cidades gaúchas, eles foram considerados os mais engajados na doação de sangue e no cadastro de medula óssea, mobilizando 526 doadores. Também arrecadaram 30 toneladas de alimentos e itens de

grande demanda para entidades assistenciais. O reconhecimento veio com o prêmio Trote Solidário 2016, concedido pelo Núcleo Acadêmico do Sindicato Médico do RS. A campanha mostra o engajamento da comunidade na solidariedade convocada pelos futuros médicos.

Navegação **agradável**

O **site** da revista interna Mundo PUCRS, www.pucrs.br/mundopucrs, está com novo *design* e responde de acordo com o formato de tela que o usuário acessa: *smartphone*, *tablet* ou *desktop*. O objetivo é tornar a experiência de navegação mais fácil e agradável, sem comprometer a identidade visual. Além da edição atual, é possível acessar todas as anteriores.



FOTO: REPRODUÇÃO

Parceria **cultural**

Uma **grandiosa** parceria entre as Orquestras Filarmônica da PUCRS e Sinfônica da Universidade de Caxias do Sul trouxe a público um concerto com 95 músicos para

a interpretação da Sinfonia Fantástica, de Hector Berlioz. No programa, também foram executadas a Rapsódia sobre um Tema de Paganini, de Sergei Rachmaninoff, tendo

InsCer em Buenos Aires

A **equipe** do InsCer brilhou no Brain Congress 2016, realizado em Buenos Aires. Pesquisadores, professores e alunos tiveram intensa participação apresentando importantes pesquisas vinculadas ao instituto. O grande homenageado da edição argentina foi o coordenador do Centro de Memória do InsCer, o neurocientista Ivan Izquierdo, que recebeu uma placa de reconhecimento pelos seus 50 anos de pesquisa na sessão especial *Um tributo para a neurociência na América Latina*, Ivan Izquierdo: *nosso Pelé na verdade é Maradona*.



FOTO: RIS WEBER/DIVULGAÇÃO

Mais **lembrada**

A **PUCRS** está entre as marcas mais lembradas do Estado no Prêmio Top of Mind Rio Grande do Sul e Top of Mind Porto Alegre. Lidera como Universidade Privada, e o Museu de Ciências e Tecnologia é o primeiro na categoria Museus. A distinção é concedida pelo Grupo Amanhã em parceria com a Segmento Pesquisas.

como convidado o pianista argentino Fernando Viani, e a abertura de Il Guarany, de Carlos Gomes. A regência foi do maestro Manfredo Schmiedt.



FOTO: BRUNO TODESCHINI



FOTO: CAMILLA CUNHA

Luta contra o *Aedes*

A PUCRS, a Feevale e a FK Biotec, empresa instalada no Tecnopuc, agora são parceiras para aprofundar pesquisas sobre o mosquito *Aedes Aegypti* e os diferentes tipos de vírus que podem ser transmitidos pelo inseto. Em março, a FK Biotec havia anunciado parceria com o Laboratório Farmacêutico do RS, com a Fundação Baiana de Pesquisa Científica e Desenvolvimento Tecnológico e com o Laboratório Farmacêutico de Pernambuco para o desenvolvimento de um teste rápido para diagnóstico do Zika vírus, Dengue e Chikungunya. Recentemente, a empresa também lançou o Biovech, primeiro larvicida biológico contra o mosquito transmissor das doenças.

Bye, bye, *PUCRS!*

Foi em clima de confraternização a despedida dos alunos internacionais em mobilidade acadêmica na PUCRS. A festa foi no Global Tecno-

puc e reuniu 37 estudantes vindos de 12 países. A média de permanência na Universidade vai de seis meses a um ano.

Conexões que inspiram

Em junho, PUCRS e UFRGS promoveram o *Conexões que Inspiram*, encontro de empreendedorismo que apresentou e conectou os ecossistemas de ambas as universidades. O evento marcou o lançamento do convênio de cooperação entre as duas instituições nessa área, assinado pelos reitores Joaquim Clotet e Carlos Alexandre Netto.



FOTO: BRUNO TODOSCHINI

Geriatría a distância

A PUCRS realizará o primeiro Curso Internacional de Especialização em Geriatría Clínica, parceria do Instituto de Geriatría e Gerontologia com a Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (Portugal). Será totalmente a distância, com 366 horas/aula, 200 vagas e começará em setembro. As aulas, nas sextas à tarde e sábados

pela manhã, encerram-se em agosto de 2017. O curso, inédito no RS, capacitará médicos do Brasil, de Portugal e de países latino-americanos para que previnam, façam diagnóstico precoce e tratem as principais doenças que incidem na velhice. Informações: carlapinto@med.up.pt. Inscrições: pgm-dgeg@med.up.pt.

Resende na Biblioteca

O acervo pessoal do escritor, advogado e jornalista gaúcho Antônio Carlos Resende, falecido em 2015, foi doado por sua viúva, Yolanda Rosa, para a Biblioteca Central. Estão disponíveis para consulta mais de 800 títulos sobre literatura e jornalismo. Durante décadas, Resende foi um dos locutores de rádio mais populares do Estado. Na literatura ousou nas experimentações para contar histórias sobre tórridos amores. Entre suas obras de destaque estão *Magra, mas não muito, as pernas sólidas, morena* e *O rapaz que suave só do lado direito*.

Projeto Rondon

De 16 julho a 1º de agosto uma equipe da PUCRS estará integrada à Operação Itapemirim do Projeto Rondon. Pela primeira vez o projeto será realizado no Espírito Santo, em dez municípios. Oito alunos de graduação, escolhidos em processo seletivo, são acompanhados pelos professores Edgar Erdmann (coordenador), Denis Dochhorn (Odontologia) e Vera Lucia Pereira Brauner (Educação Física). Eles vão realizar atividades nas áreas de cultura, direitos humanos e justiça, educação e saúde junto às comunidades locais.

Assista ao vídeo de Nelson Todt tocando cajón com a esposa e o filho e veja a galeria de fotos da trajetória do professor em www.pucrs.br/revista ou baixe o aplicativo Revista PUCRS, disponível para iOS e Android.

FOTO: BRUNO TODESCHINI

Nelson Todt, professor da Educação Física, representou a Universidade ao carregar a tocha em Porto Alegre



Na Universidade há 15 anos: “A PUCRS me dá liberdade e espaço. Posso fazer o que me compete como educador e coisas que vão além da sala de aula”

Trajetoária olímpica

O esporte sempre esteve presente na vida de Nelson Todt. Foi muito importante para a autoestima e o ajudou a identificar características próprias que o fizeram ser professor, como iniciativa, liderança e o poder de agregar e mobilizar pessoas. Todt cresceu jogando bola na Redenção, em Porto Alegre, já que “tinha o privilégio de morar em frente ao parque”. Na companhia do pai treinava chute com os dois pés no pátio de casa. Depois do futebol, identificou-se com o basquete, jogou em âmbito escolar e universitário, foi técnico e montou até a própria escolinha, a Bola Viva. Hoje, Todt é professor da Faculdade de Educação Física (Fefid), criador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da PUCRS, presidente do Comitê Nacional Pierre de Coubertin*, membro do Comitê Internacional e, em julho, teve a honra de carregar a tocha olímpica por 200 metros em Porto Alegre.

O primeiro contato com o tema olímpicas foi enquanto professor do extinto Colégio Cruzeiro do Sul. “Eu não gostava só dos jogos, mas também de fazer a cerimônia de abertura, com coreografia e chegada da tocha”, lembra. A viagem para a Grécia, em 1999, como participante de uma sessão

para jovens da academia olímpica internacional, trouxe ainda mais simbolismo para as atividades extraclasse na escola. “Queria cada vez mais que os jogos tivessem um sentido, não focar apenas na disputa. Isso começou a moldar meus discursos como professor universitário”, avalia. Na época fazia mestrado em Ciências do Movimento Humano e suas pesquisas remetiam ao esporte que educa, forma, sociabiliza e inclui.

Em 2007, Todt recebeu uma bolsa do Centro de Estudos Olímpicos para passar um mês na Suíça e foi convidado pela fundadora do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin, criado no ano anterior, a visitá-la na Alemanha. “Ela e o marido me pediram para assumir o comitê. Recebi todo o apoio necessário da PUCRS e trouxe sua sede de João Pessoa para a nossa Universidade. Isso ajudou a impulsionar as pesquisas do grupo de Estudos Olímpicos, criado em 2002. Hoje conto com dois bolsistas de iniciação científica”, relata.

O convite para integrar o conselho do Comitê Internacional Pierre de Coubertin veio em 2014, depois do estágio de pós-doutorado na Espanha e de contato com o seu presidente em diferentes eventos.

“Desde que voltei para o Brasil, consegui encaminhar o fechamento de três convênios internacionais para a PUCRS, um com a Espanha e dois com a Alemanha, envolvendo pesquisa e mobilidade”, celebra o professor, que tinha como objetivo colocar a Fefid no mapa do mundo. “No início de agosto vamos sediar o colóquio internacional dos centros de estudos olímpicos e os melhores da área virão para cá. Somos reconhecidos como espaço de referência”, complementa.

Para Todt, a questão olímpica tem cultura própria na Europa, mas no Brasil o esporte vive muito da “monocultura do futebol”. Como a abordagem de outros esportes não tem muito espaço, decidiu criar o Grupo de Estudos Olímpicos. “O tema encontrou espaço aqui e caminha ao lado da construção da oportunidade de o Brasil organizar os jogos. Contribuí para popularizar essa área de conhecimento”, afirma.

**Pierre de Coubertin: criador dos jogos olímpicos modernos, com a primeira edição realizada em 1896. Sua proposta era educar a juventude mundial agregando esporte, arte e cultura.*



Com a tocha dos Jogos Olímpicos de Londres, 2012, e no lançamento de seu livro sobre olimpismo

Construção e transgressão

A caminhada de Todt na educação começou aos 15 anos, ao trabalhar na escola do pai, o Colégio Comercial Cruzeiro do Sul, que ficava no bairro Partenon. Foi auxiliar administrativo e líder fixo das olimpíadas. “Minhas primeiras experiências de liderança começaram a se consolidar de forma importante. Vi que tinha habilidades de liderança, de sociabilização, de mobilização de pessoas. Sempre fui criativo e gostava de fazer coisas diferentes. Meu pai estimulava educação, esporte e viagem como elementos de cultura. Ele é minha grande referência. A vida de professor universitário teve início

num curso técnico de pastoral catequética, em 2000, onde trabalhava formação pessoal, disciplina que mais tarde introduziu na Fefid. Em agosto de 2001 passou a integrar o quadro da Universidade. “A PUCRS me dá liberdade e espaço. Posso fazer o que me compete como educador e coisas que vão além da sala de aula, como pesquisa, ações de formação pessoal, de solidariedade e de integração das pessoas”, considera. Todt criou a ação *Fefid do Bem*, onde estimula estudantes do primeiro semestre a doarem sangue ao Hospital São Lucas ou arrecadar doações para instituições como

o asilo Spam e o Lar Santo Antônio dos Excepcionais.

Para Todt, ser professor é uma vocação e para ser bem-sucedido nessa missão é preciso transcender as atividades curriculares. A sala de aula é um espaço que considera ao mesmo tempo de construção e de transgressão. “Gosto de estimular o protagonismo dos alunos e o rompimento de padrões”, assegura. Toda sua experiência passa ao colocar paixão no seu discurso. “É a possibilidade maior de tocar os alunos, pela emoção”, garante o docente que já perdeu as contas de quantas vezes foi paraninfo.

Bola Viva

Ao longo da sua caminhada, Todt teve a oportunidade de trabalhar no clube Petrópolis, onde adquiriu o refinamento para avançar como técnico. Na escola de basquete Bola Viva chegou a ter 500 alunos em colégios de Porto Alegre. “Eu achava que o futebol tinha espaço suficiente, mas o basquete era pouco explorado. Então eu despertava essas questões de fazer diferente e ter mais alunos de basquete que de futebol nas escolas. Sempre gostei de cau-

sas perdidas”, diverte-se. Chegou a fazer uma parceria com os EUA e viajar com os atletas. Para ele, uma das grandes questões de ser bom técnico é o cuidado aos detalhes e saber usar as fragilidades transformando-as em potencialidade. “Os bons professores sabem explorar não só os talentos dos alunos, mas também suas limitações”, destaca.

Com turma de escolinha: “Bons professores sabem explorar não só os talentos dos alunos, mas também suas limitações”



Madrigal Porto Alegre

Música e cultura são ferramentas lúdicas e de ritmo que Todt utilizava no ensino de Educação Física para Educação Infantil e séries iniciais. A música, em especial, sempre teve um destaque em sua vida. Aos 22 anos começou a cantar no Madrigal Porto Alegre, coral *a cappella* de obras renascentistas. Apresentava-se em eventos

e até “ganhava uns trocados”. Agora toca cajón, instrumento de percussão, em casa com o filho Victor e a esposa Luciane. “É uma forma de termos um momento em família”, reflete.

Quando não está envolvido com educação ou jogos olímpicos, dedica-se à jardinagem. Tem orquídeas, suculentas e bonsais.

Seu esporte atualmente é o *paddle*, mas considera retornar ao basquete para contornar problemas recentes no ombro. Aos 50 anos, orgulha-se por ter carregado a tocha olímpica e garante que a melhor parte é poder dividir o sentimento com a família, amigos e colegas. “A sensação da emoção compartilhada é especial”, finaliza. [P]



Sustentabilidade nas empresas

Tema ainda não é visto como oportunidade estratégica de negócios

Empresas brasileiras têm poucas iniciativas sustentáveis e estão em um estágio inicial de introdução do conceito no seu planejamento. O tema não é prioridade das gestões nem visto como uma oportunidade estratégica de negócios, mas uma necessidade de atendimento a requisitos legais e exigências operacionais. Esses dados se referem à pesquisa desenvolvida pela PUCRS (via Face – Escola de Negócios) com o Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade (PGQP) para diagnosticar as atitudes das organizações frente à competitividade sustentável. Responderam ao questionário *online* 294 companhias, a maioria do RS. Houve predominância dos setores de serviços (34,7%), educação (11,6%) e tecnologia, informática e mídia (9,5%).

Grande parte (54,8%) é de micro e pequenas empresas.

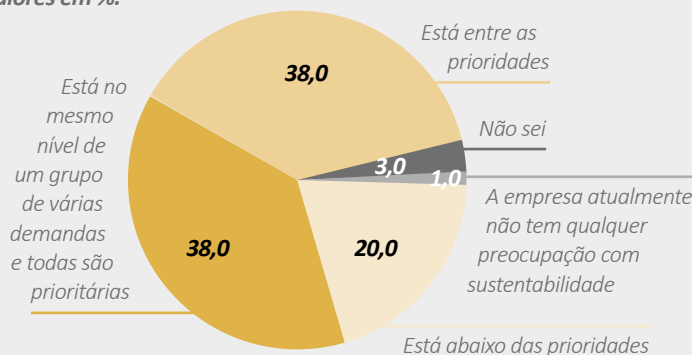
O mapeamento, baseado em investigação similar realizada pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), dos EUA, mostrou que apenas 30% dizem não ter experiência em gestão sustentável, mas outras questões evidenciaram a falta de clareza sobre o tema, afirma o coordenador do estudo, professor Peter Hansen. Aproximadamente 40% apontaram não possuírem obrigações legais em termos de sustentabilidade; porém, sabem que o mercado demanda essa preocupação. A mesma proporção citou estar subordinada a essas exigências para se manter em atividade. Apenas 2% informaram que foram penalizadas pelo não cumprimento dessas regras.

Hansen destaca que há semelhanças entre os resultados das pesquisas da PUCRS e do MIT. Mas, enquanto as empresas nacionais estão na fase de planejamento, focando numa perspectiva de longo prazo, as internacionais, predominantemente, passaram para a execução. Quando se perguntou sobre o comprometimento com sustentabilidade no Brasil, 47,6% das companhias pretendem expandir, superior ao volume do estudo do MIT (10%). Como as estrangeiras estão em grau mais avançado de práticas na área, a falta de investimentos significa estabilização e não recuo.

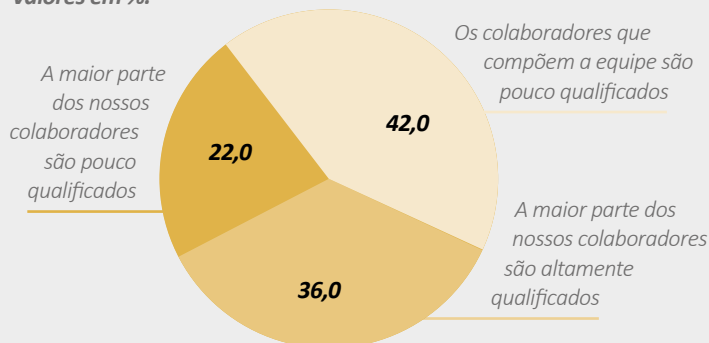
Quanto aos benefícios de uma gestão sustentável, as companhias brasileiras têm um olhar para o consumidor, apostando na reputação da marca e na credibilidade/qualidade de produtos e serviços. O acesso a outros mercados foi o item menos mencionado como vantagem, indicando que não percebem que esse tipo de gestão pode ser um requisito para a entrada no mercado mundial. Hansen diz que a pesquisa internacional demonstra uma visão mais madura, voltada para o desenvolvimento interno, inclusive de novos negócios.

A partir dos resultados, os pesquisadores sugerem ações de conscientização sobre o tema, mostrando a relevância para os negócios e impactos na comunidade. Para a implantação de práticas de gestão, seriam necessários treinamentos e cursos nas empresas, além de campanhas educativas. Hansen acredita que o desenvolvimento de políticas públicas poderia estimular essas práticas. [P]

Comprometimento atual da empresa em relação à sustentabilidade. Valores em %.



Nível de qualificação dos colaboradores das empresas entrevistadas. Valores em %.



Conceito

A referência do conceito de sustentabilidade mais difundida é a da *World Commission on Environment and Development*, que é vista como um modelo de comportamento atual que busca reparar danos causados no passado, agindo sustentavelmente no presente, de forma a projetar melhores práticas no futuro. Apesar das diferentes conceituações recentes, todas as teorias apresentam um ponto em comum, composto por três dimensões: econômica, ambiental e social.



A lei do vinho e da leitura

Charles Kiefer, professor
da Faculdade de Letras

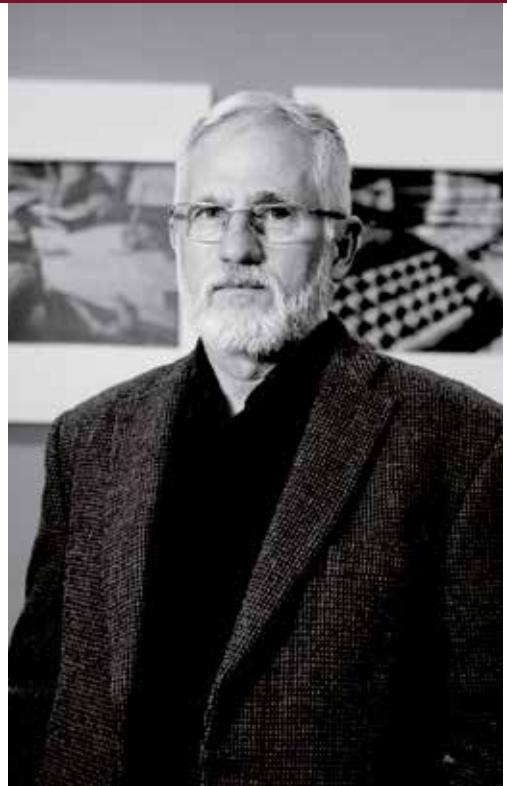


FOTO: CAMILA CUNHA

Ler e beber vinho têm um estranho parentesco.

Não se pode apreciar um bom vinho se não se tem um paladar aguçado. E só se adquire um paladar aguçado se ensinamos as nossas papilas gustativas a identificar um bom vinho através da experimentação de variados tipos de vinho.

Depois, pela diferença que as papilas aprenderam a fazer entre um vinho e outro, compreendemos (porque recebemos sua essência) o que é um vinho de qualidade, em contraste com um mau vinho.

Seres humanos, em seu estado natural, só são capazes de perceber *matéria e forma na matéria*. Forma abstrata e essência só podem ser recebidas (e compreendidas) se formamos recipientes adequados.

Isso vale para o vinho. E vale, também, para os prazeres que podemos derivar da leitura.

Sem leitura não se aprende a ler. Como não se aprende a degustar um bom vinho de forma teórica. Assim, como não engolimos o vinho como um sedento engole água, não devíamos ler como atualmente lemos, saltando de frase em frase, de texto em texto, rolando o cursor do teclado como se o mundo fosse acabar amanhã. As palavras deveriam circular em nossa boca como o vinho circula sobre a língua, os dentes, ativamente os nossos sensores de sabor. Extrair o máximo de prazer de cada espaço mínimo, eis a lei do vinho. E da leitura.

Não tenho uma opinião amistosa sobre o tipo de leitura que fazemos hoje, em

nossos aparelhos eletrônicos, porque a leitura que se abre para o infinito das janelas de novos textos e não permite a *degustação*.

Como o *sentido* do texto fica *achatado* pela velocidade, pela pressa, pela correria e pela ansiedade do *ledor* superexcitado pelas possibilidades infinitas que as *janelas* nos dão, em breve teremos uma multidão de *letores* e uma pequena casta de *letores*.

Aliás, em sala de aula isso já acontece. E não é só no Brasil. É um fenômeno da civilização ocidental contemporânea. Essa situação gera um paradoxo incômodo: quanto *melhor* o texto, menos *letores* terá.

Vivemos uma nova barbárie, em que o texto raso e insignificante tem a admiração de uma multidão de tolos, enquanto que o texto denso e consistente é apreciado por uma pequena minoria com capacidade de sentir prazer com literatura de qualidade.

Sim, eu sei. E não me angustio nem um pouco com isso. Sou um professor-dinossauro, uma espécie em extinção. Além de não usar telefone celular, não utilizo, como método pedagógico, o suporte de projetores e outros aparelhos zumbidores em sala de aula. Leitura requer silêncio e reverência, requer respeito pelo autor do texto. Meus

Como o sentido do texto fica achatado pela velocidade, pela pressa, pela correria e pela ansiedade do ledor superexcitado pelas possibilidades infinitas que as janelas nos dão, em breve teremos uma multidão de letores e uma pequena casta de letores

alunos são chamados a fixar-se no texto no *papel*, nas palavras, nas frases, nos parágrafos. E são convidados a escrever. Ninguém conhece melhor um bom vinho do que um viticultor.

Talvez eu regrida ainda mais e abandone outras *tecniquerías*, como dizia Unamuno. Já estou pensando em pedir que meus alunos e alunas produzam seus textos à mão, para que sintam o prazer das letras escorregarem dos braços às canetas, nesse baile das palavras a caminho dos dedos...

O melhor mesmo é ler o bom vinho e beber o texto, lentamente. **[P]**



MBA E ESPECIALIZAÇÃO

TUDO O QUE SEU FUTURO PRECISA PARA ACONTECER.

Faça sua Pós-graduação na PUCRS e ofereça um campus completo para o seu futuro. São muitas opções de cursos em diversas áreas do conhecimento.

Inscrições abertas em pucrs.br/educn.



PUCRS
DO TAMANHO DO FUTURO